UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
FACULDADE DE ARQUEOLOGIA

CACHIMBOS DE ESCRAVOS E A RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES AFRICANAS NO RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX.

Rio de Janeiro
1997

Camilla Agostini

Monografia apresentada à Faculdade de Arqueologia da Universidade Estácio de Sá, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharelado em Arqueologia.

Orientador: Prof. Jorge Luís Prata de Sousa

AGRADECIMENTOS

Pela minha formação, gostaria de agradecer à duas pessoas em especial; à Profa. Tania Andrade Lima e à Ana Cristina de Sousa.

À Profa. Tania, pela oportunidade de desenvolver este trabalho como sub-projeto do projeto "Arqueologia Histórica no Rio de Janeiro: o século XIX ", pelos seus ensinamentos e orientação.

À Ana, por ter me apresentado a arqueologia, pelas discussões extremamente proveitosas, e as brigas. Pela companhia no dia-a-dia e amizade.

Às duas, o meu Muito Obrigada.

Ao Prof. Jorge Prata de Sousa agradeço o constante estímulo, ajuda e orientação neste trabalho.

Gostaria de agradecer à Christine A. Rezende, Renata A. Maia e Paula P. Gunzburger pela parceria durante os quatro anos da faculdade e a amizade.

Agradeço à Lilian, Valéria, Alfredo, Christiane, Flavinha e Cláudio pela experiência no trabalho em equipe, que, entre conversas e cacos, me ensinarama lidar com as diferenças (o que não quer dizer que eu tenha aprendido). Agradeço ainda a amizade, compreensão e o apoio.

Gostaria de agradecer à Profa. Márcia pelo apoio nos momentos difíceis e por vibrar com as pequenas conquistas. Por ter sempre me ouvido e se recusado a me deixar sair de sala de aula com dúvidas.

Agradeço também à todas as pessoas que facilitaram o acesso às amostras analisadas neste trabalho. Sem essa colaboração não teria sido possível desenvolver este estudo. Muito obrigada aos professores Carlos Magno Guimarães, Maria de Lourdes Lemos, Rosana P.M. Najjar, Wagner Gomes Bornal, Fernanda Bordin Tocchetto, Luís Cláudio P. Symanski, ao Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo e ao Museu Histórico Nacional.

Não poderia deixar de agradecer ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica que deu o suporte necessário, possibilitando um maior empenho no desenvolvimento das questões propostas, e, especialmente, na coleta de dados.

Agradeço ainda ao Eduardo pela ajuda na revisão e por tantas vezes ter me atrapalhado a estudar, ajudando a acalmar a angústia. Pela companhia, paciência e amor.

Muito obrigada ao meu pai e à minha mãe, que contrariando os esforços que fiz para mantê-los afastados, estiveram sempre por perto. Obrigada por acreditar e apoiar.

ÍNDICE

Agradecimentos 03

Indice 04

Indice das ilustrações 05

Apresentação 07

1. Definindo o objeto de estudo: o problema de trabalhar com a diversidade 10

2. Etnicidade e a reconstrução de identidades 12

3. O uso de cachimbos cerâmicos por escravos 16

4. O relato dos viajantes 20

5. Marcas de escravos 22

6. Cachimbos cerâmicos decorados 23

6.1. Perspectiva da análise 23

6.2. Procedência dos cachimbos 24

6.3. Descrição dos tipos 30

Discussão 38

Referências bibliográficas 43

Anexo 48

Ilustrações 54

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mercado de Negros (Rugendas, 1989).....54

Figura 2 - Jogo de Capoeira (Rugendas, 1989) 55

Figura 3 - Congada (Arsênio da Silva, In Parente, 1994) 56

Figura 4 - Vendedor de ervas (J.B.Debret) 57

Figura 5 - Habitação de Negros (Rugendas, 1989) 58

Figura 6 - Lavadeiras no rio (Rugendas, 1989) 59

Figura 7 - Escravos no campo de secagem de café (Marc Ferrez, In: Parente et al., 1994).....60

Figura 8 - Venda (Rugendas, 1989) 61

Figura 9 - Cachimbos do tipo 1 62

Figura 10 - Cachimbos dos subtipos 1a, 1b, 1d e 1e 62

Figura 11 - Cachimbos do subtipo 1a provenientes do sítio SSF 63

Figura 12 - Cachimbos do subtipo 1b provenientes do sítio SSF 63

Figura 13 - Cachimbos do subtipo 1e provenientes da FM e SSF 64

Figura 14 - Cachimbos do tipo 2 65

Figura 15 - Cachimbos do tipo 3 66

Figura 16 - Cachimbo do tipo 6 67

Figura 17 - Cachimbos do tipo 4 67

Figura 18 - Cachimbos do tipo 5 68

Figura 19 - Cachimbos tipicamente barrocos 69

Figura 20 - Cachimbos barrocos com reprodução do motivo decorativo no corpo 70

Figura 21 - Cachimbos do tipo 8 provenientes do MHN e do sítio MO 71

Figura 22 - Cachimbos do tipo 8 provenientes da CRT 71

Figura 23 - Cachimbos do tipo 1 provenientes dos sítios FM e SGM 72

Figura 24 - Cachimbos do tipo 7 provenientes da CRT 72

Figura 25 - Cachimbos do tipo 1 e cachimbos caboclos da amostra do sítio SSF 73

Figura 26 - Cachimbos antropomorfos da região de Diamantina - MG. 74

Figura 27 - Cachimbos antropomorfos provenientes dos sítios FM e SGM 75

Figura 28 - Cachimbo antropomorfo proveniente do sítio IA 75

Figura 29 - Cachimbos antropomorfos provenientes da FM 76

Figura 30 - Cachimbo antropomorfo proveniente do sítio SSF 76

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar vestígios materiais de escravos africanos, contribuindo para a produção da sua história que parece tão fragmentada, principalmente no que diz respeito aos hábitos cotidianos e à materialização e circulação de símbolos que expressavam resistência ao regime a que eram submetidos. Identificar formas de resistência que não tenham sido através da fuga, levantes, preguiça ou suicídio[1], significa buscar estratégias sutis que, ao nosso ver, podem ser encontradas nas atividades cotidianas, ou nas festividades e cultos. Neste estudo, vamos nos concentrar no primeiro caso.

Os vestígios materiais associados diretamente aos escravos são muito poucos dentro das amostras arqueológicas. Vale citar o caso da escavação da Fazenda São Fernando, onde apenas alguns cachimbos e uma conta vermelha são objetos que podem ser atribuídos aos escravos (Lima et al., 1993: 187). Ao que parece, os cachimbos cerâmicos e as contas são constantes nos sítios arqueológicos históricos que tiveram o escravo dentro da sua rede de relações sociais. Estes objetos aparecem com uma alta freqüência na iconografia dos viajantes que vieram ao Brasil no século XIX.

Lima (1993: 189) levantou a possibilidade dos cachimbos cerâmicos decorados terem sido utilizados como símbolos de identidade étnica, configurando assim uma estratégia de resistência[2]. Sugeriu ainda a comparação de seus padrões decorativos com as escarificações dos negros, acrescentando que isto somente seria possível quando as amostras fossem devidamente ampliadas. Na mesma linha, Guimarães et al. (1990) levantaram a possibilidade da identificação de traços étnicos das populações quilombolas. No entanto, face à baixa freqüência das amostras à época, nenhum dos autores chegou a desenvolver tais questões.

Ao que parece, as contas de colar ainda não tiveram a devida atenção por parte dos arqueólogos no Brasil. Como exemplo de estudo sobre este material, podemos citar Stine et al. (1996) que fazendo comparações do uso das contas na África e entre os escravos no sul dos Estados Unidos, identificam as contas de cor azul como tendo um significado cultural que ultrapassa a sua função de adorno.

---

[1] Como exemplo clássico de resistência armada podemos citar Pierre Verger (1987) e suas considerações sobre as insurreições escravas na Bahia, no século XIX. No caso da fuga, estratégia evidente de resistência, são tantos os estudos sobre quilombos que transformaria esta nota de roda pé em um outro artigo, mas a título de exemplo podemos citar Flávio dos Santos Gomes (1995, 1996). A resistência ao trabalho de uma maneira geral, o que implica o trabalho mal feito ('preguiça'), as sabotagens, é assumida por Jacob Gorender (1991: 35-36, 95), entre outros autores, como a principal alternativa para a grande maioria dos escravos.

[2] Esta questão foi primeiramente levantada em comunicação feita ao Seminário de Arqueologia Histórica, realizado no Paço Imperial - RJ, em 1985.

Um outro material que parece ter sofrido influências africanas no seu fabrico e uso[3] foi a cerâmica chamada neobrasileira, principalmente no que se refere à decoração incisa (Dias, 1988). Atualmente, Jacobus (1996) está desenvolvendo questões sobre a influência africana na cerâmica histórica que ocorre nas áreas mais meridionais do país. Para isto, o autor vem coletando dados sobre a produção de cerâmica em países africanos, mas ainda com resultados bastante tímidos. Apesar do grande potencial de estudo dos vasilhames cerâmicos relacionados aos escravos, não o aprofundaremos por ser um assunto que nos foge ao alcance neste momento.

Podemos pensar, ainda, na produção de objetos de ferro ou em outras matérias primas locais, como é o caso da pedra sabão em Minas Gerais. No entanto, não temos quaisquer notícias de pesquisas desenvolvidas sobre o assunto. Ou, em um outro sentido, procurar nos vestígios típicos da cultura dominante um reaproveitamento, como é o estudo que Symanski et al. (mimeo., 1997) vêm desenvolvendo, sobre a reciclagem de artefatos em vidro feita possivelmente por escravos.

A pesquisa arqueológica em quilombos no Brasil parece ainda muito restrita. Questões sobre distribuição espacial e técnicas construtivas vem sendo desenvolvidas por Guimarães (1990). Orser identifica quatro " místicos cachimbos de Palmares " (1996: 123), que coletados em superfície, não possibilitam uma associação segura ao quilombo. Embora possam estar relacionados a escravos africanos, o autor não demonstra qualquer indício de terem sido utilizados por uma comunidade quilombola.

No Brasil estes parecem ser os principais exemplos de estudos de cultura material diretamente relacionada aos escravos. Esperamos que este quadro, ainda muito pouco explorado, seja alterado no futuro. Será dentro deste panorama que nos dedicaremos à análise dos cachimbos cerâmicos, procurando desenvolver as questões levantadas por Lima (1985, 1993) e Guimarães et. al. (1990). Assim, propomos a comparação de marcas que teriam um significado étnico produzidas na África e no Brasil, efetuadas nos mais diversos suportes da cultura material, como o próprio corpo e os cachimbos. Para isso procuramos identificar os padrões decorativos que aparecem nesses vestígios, devidamente contextualizados, e marcas tribais trazidas da África que foram registradas pelo branco, seja como controle de sua propriedade, seja pelo olhar curioso de viajantes que passaram pelo Brasil durante o século XIX.

Não nos interessa fazer associações diretas de possíveis marcadores étnicos expressos em diferentes suportes, isto é, com o objetivo de identificar origens específicas, mas admitir as marcas tribais corporais como exemplo de uma forma de expressar identidade, e sugerir que os cachimbos foram usados com esse intuito. Para observar comportamentos étnicos expressos na cultura material,

[3]Lembrando que o uso de um artefato pode ter diversos aspectos, nos referimos tanto ao mais prático, que diz respeito ao consumo, como o de veículo de informações e/ou símbolos.

admitiremos um conceito de etnicidade sob uma perspectiva dinâmica e flexível. Nesse sentido, tentaremos identificar padrões decorativos, e, na medida do possível, estilos, esclarecendo a sua dinâmica entre os indivíduos que os produziam e os usavam, e ainda, seu papel na reconstrução de identidades africanas no Brasil.

Estamos considerando que o contingente escravo era formado por indivíduos provenientes de grupos étnicos distintos, e, que por volta da primeira metade do século XIX[4] existia um grupo de negros, descendentes de escravos, que de certa forma teriam apagado antigas hostilidades grupais pelo próprio convívio e idêntica situação social, identificando o branco como um inimigo comum. No entanto, o fluxo de africanos que chegavam ao Brasil com sentimentos de identidade étnica ainda muito fortes, teria realimentando constantemente identidades ligadas à África.

Assim, acreditamos que o contexto de uso dos cachimbos, assim como a dispersão e/ou concentração dos padrões decorativos a eles relacionados pode ser uma direção para a compreensão de uma estratégia sutil de resistência, que se expressaria através da manutenção de traços étnicos em suportes de uso cotidiano.

[4]Os contextos históricos da escravidão no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, ou qualquer outra região, certamente tiveram as suas particularidades. Foi feito este recorte em função das amostras arqueológicas, mas o contexto histórico que faremos menção neste texto diz respeito principalmente ao núcleo urbano do Rio de Janeiro. Contudo, faremos colocações sobre aspectos mais gerais das relações entre os escravos, apenas para ilustrar os questionamentos que estamos procurando estabelecer.

1. DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO: O PROBLEMA DE TRABALHAR COM A DIVERSIDADE

Para entendermos de quem estamos tratando, isto é, dos africanos e descendentes de africanos escravizados no Brasil colonial, faz-se necessário um retorno à África. Este retorno será breve, mas talvez nos ajude a compreender um pouco melhor a diversidade cultural dos grupos africanos, e o papel do tráfico de escravos como principal complicador para a identificação ou mesmo manutenção de traços étnicos entre os indivíduos escravizados. Oliver (1994: 134) lembra que " somente quando transportado a uma distância em que a fuga se torna impensável, somente quando condicionado pelo isolamento e a intimidação, pelo desenraizamento e a degradação, podia um cativo ser libertado de seus grilhões e se tornar, uma vez mais, ainda que como escravo, um membro útil à sociedade. A escravidão só podia atingir um nível desejável de desempenho com uma ampla dispersão dos cativos ". Tal preocupação com a dispersão dos cativos no contexto da escravidão na África, pode ser encontrada também no Brasil, numa política do colonizador de manipular as hostilidades étnicas, fruto de uma grande variedade linguístico-cultural dos grupos africanos, evitando " (...) a concentração de escravos oriundos de uma mesma etnia, nas mesmas propriedades, e até nos mesmos navios negreiros " (Ribeiro, 1995). Nas palavras do Conde dos Arcos, no início do século XIX, encontramos uma clara preocupação com a possibilidade e o risco da união dos africanos, quando fala de encontros de negros, como os batuques:

Batuques olhados pelo governo (...) como um ato que obriga os negros, insensível e maquinalmente de oito em oito dias, a renovar as idéias de aversão recíproca que lhes eram naturais desde que nasceram, e que toda via se vão apagando pouco a pouco com a desgraça comum; idéias que podem considerar-se como o garante mais poderoso da segurança das grandes cidades do Brasil, pois que se as diferentes nações da África se esquecerem totalmente da raiva com que a natureza as desuniu, e então os de Agomés vierem a ser irmãos com os Nagôs, os Gêges com os Aussás, os Tapas com os Sentys, e assim os demais; grandíssimo e inevitável perigo desde então assombrará e desolará o Brasil. E quem haverá que duvide que a desgraça tem poder de fraternizar os desgraçados? Ora, pois, proibir o único ato de desunião entre os negros vem a ser o mesmo que promover o governo indiretamente a união entre eles, do que posso ver se não terríveis conseqüências (citado por Rodrigues, 1945: 156).

Oliver mostra que na África " (...) os Estados que formavam um agrupamento estavam mais acostumados a lutar entre si do que a se articular contra um inimigo comum (...) " (1994:169). E ainda, como foram diversas as origens dos cativos que vinham parar dentro dos navios negreiros que se dirigiram ao Brasil (1994:142-8). Assim, esta diversidade do contingente de escravos era formada desde prisioneiros de guerras entre Estados, até indivíduos capturados em tribos de sociedades mais simples em meio às florestas.

Fazendo uma reflexão sobre os Estados africanos (op. cit., p.178), o autor demonstra que aqueles que se constituíram na África tinham uma fragilidade muito grande, por terem sua formação baseada na força militar, não tendo desenvolvido uma nacionalidade coesa. Desta maneira os indivíduos tendiam a se identificar a grupos menores dentro da sociedade, o que explica, em um certo aspecto, a dificuldade para se entender a história da África, e consequentemente de se trabalhar com esta diversidade.

As listagens e registros feitas tanto por traficantes quanto por proprietários têm como elementos de identificação dos escravos um número, um nome, a sua nação de origem, e algumas vezes o desenho de marcas tribais (escarificações). À primeira vista são uma fonte riquíssima para se estabelecer as origens culturais dos escravos distribuídos pelo Brasil, possibilitando uma comparação desta distribuição cultural com o registro arqueológico, identificando possíveis concentrações culturais. No entanto, as nações de origem registradas não tem qualquer compromisso com uma filiação cultural, mas são meros elementos de identificação de mercadoria, como os números e provavelmente, na maioria das vezes, os nomes. Pode-se perceber isto, na medida em que muitos dos nomes de nação são os nomes dos principais portos ligados ao tráfico, como Mina, Benguela, Moçambique, etc., o que nos leva a desconfiar das outras denominações. Além disso, Oliver (ibid.) deixa bem claro que mesmo antes do tráfico para as Américas se intensificar, o comércio interno de escravos na África era tal, que um escravo podia, entre compras, vendas, e fugas, parar muito distante do seu local de origem. Sendo assim, não acreditamos que seja confiável a referência de origem de um escravo dada por um traficante ou proprietário, uma vez que a sua mercadoria teve uma circulação tão intensa que o registro histórico desta natureza dificilmente acompanha.

Já as escarificações desenhadas nestes registros, assim como aquelas retratadas pelos viajantes, podem ser de grande utilidade num estudo de etnicidade que busca elementos que possam ter servido de marcadores ou símbolos de uma dada identidade. Símbolos estes que são materializados em diversos suportes, e que a arqueologia tem o papel de resgatar.

2. ETNICIDADE E A RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Foram muitos os estudos de etnicidade, relacionados a grupos humanos diferentes, desenvolvidos tanto pela antropologia e a história quanto pela arqueologia. Não faremos um histórico do uso do conceito e de como os trabalhos foram e são direcionados, mas apenas um esclarecimento de como abordaremos o conceito de etnicidade no decorrer deste trabalho, com o objetivo de perceber como escravos de diversas origens étnicas reconstruíram sua identidade no Brasil.

Ao pensar na possibilidade de identificação étnica, corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados e estáticos. De buscar uma filiação, um nome, um recorte geográfico como o pretendido por Curt Nimuendajú. Mas, infelizmente, a questão não é tão simples. Mesmo que os registros históricos fornecessem as informações necessárias para este tipo de identificação, ou qualquer outra natureza de fonte científica, eles não teriam força suficiente para desenhar um mapa como o de Nimuendajú, na medida em que grupos humanos e a natureza da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis. Desta maneira, a concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas, mas a vemos como sendo composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos.

Shennan (1994) justifica a importância da perspectiva histórica nos estudos de etnicidade, na medida em que " (...) só assim pode-se ver como ela surge, que recursos utiliza e que papel tem no processo de reprodução social ". O autor lembra ainda a importância de ressaltar " (...) a natureza cultural do processo de criação de identidades étnicas, que propicia uma razão chave para o poder emocional a elas associado. Nessas bases, a criação de identidades étnicas deveria ter repercussões em termos do uso consciente de fatores culturais específicos como sinais diacríticos, um processo que pode ser bem refletido no vestígio arqueológico." (1994: 15)

A idéia de que seja possível a permanência de fronteiras étnicas em situações de interação intergrupal intensa foi bem desenvolvida na antropologia no final da década de 60. As distinções étnicas são, com freqüência, " (...) as fundamentações nas quais os sistemas sociais envolvidos são constituídos " (Barth, 1970: 9-10). Barth ressalta que a idéia de uma cultura comum não deve ser vista como um pressuposto, mas como um resultado ou implicação da organização de grupos étnicos, lembrando que nas " (...) situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes, grupos étnicos apenas permanecem como unidades significativas se eles apresentam uma diferença

marcada no comportamento, (...) [o que] não implica em signos de identificação apenas, mas também uma estrutura de interação que permita a permanência de diferenças culturais " (op.cit., p.15-16).

Na arqueologia, Shennan (1994: 9-10) mostra como a volta dos estudos de etnicidade tem interesses fundamentalmente políticos, levantando questões características da arqueologia crítica de uma maneira geral. Para uma reflexão sobre o conceito de etnicidade o autor cita Geary[5] que critica perspectivas que " (...) consideram grupos étnicos como fatos objetivos do passado, isto é, como uma categoria que possibilita uma determinação precisa. Defende uma visão de etnicidade como um processo subjetivo pelo qual indivíduos e grupos se identificam dentro de situações específicas e para propósitos específicos, ou seja, uma categoria subjetiva e maleável pela qual várias semelhanças preexistentes podem ser manipuladas simbolicamente para moldar uma identidade e uma comunidade. (...) [Assim, a] Identidade étnica é melhor considerada como um fenômeno subjetivo e dinâmico do que como um fenômeno objetivo e duradouro " (op. cit., p.15).

Entre alguns estudos arqueológicos que têm perspectivas de etnicidade desta natureza, podemos citar Hodder (1979), que levantou a possibilidade de identificação de fronteiras étnicas como forma de expressão material do comportamento. O autor mostrou como o sentimento de etnicidade surge sob determinadas circunstâncias, normalmente de conflito, isto é, este sentimento só existe com relação ao outro. Demonstra que nessas situações o grupo que consegue manter a coesão étnica acaba por ter uma expressão social de maior força[6].

Praetzellis et al. (special publ. no.5) vêem o comportamento étnico de uma comunidade de imigrantes chineses em Sacramento do final do século XIX de forma " (...) adaptativa e variável, [na qual] os sujeitos consideram a apropriação de vários comportamentos alternativos, em cada ambiente social distinto". Lembram do problema em considerar homogeinidades étnicas, advertindo que " os chineses " não podem ser tratados de forma monolítica, como uma população estável e homogênea. Mostram, neste sentido, como ocorrem " diferentes experiências de imigração ", e como estas podem ser percebidas pelo estudo de fronteiras étnicas. Concordam com alguns autores que vêem os vestígios arqueológicos estando mais próximos de representar comportamentos etnicamente específicos do que símbolos materiais para a identificação étnica. Para isto seria útil a aplicação " (...) da teoria iconográfica do estilo, que vê os artefatos como mecanismos de

[5]A citação que Shennan (1994: 12) faz de P.J.Geary (1983) é: Ethnic identity as a situational construct in the early middle ages. In: *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien* 113, 15-26. Infelizmente não tivemos acesso ao artigo.

[6]A exemplo disso Hodder (1979: 448) cita autores que estudaram grupos sociais diferentes na cidade de Yorubá, da déc. de 1920, que continuavam a ter costumes tribais. No caso especificado, aquele que mantinha a coesão étnica era o que atuava com maior sucesso no comércio, pela capacidade de organização e cooperação.

comunicação entre grupos humanos " [7]. Acreditamos que estas duas considerações serão de particular importância para entender questões de etnicidade entre africanos escravizados no Brasil colonial. E neste caso, devemos refletir sobre o conceito de fronteiras étnicas que fogem de delimitações geográficas ou separações espaciais bem definidas, mas na " (...) manipulação consciente de símbolos (...) que freqüentemente encontram suas referências em formas comportamentais e materiais. (...) A manutenção de fronteiras simbólicas pode ser baseada tanto na perpetuação agressiva de comportamentos tradicionais, quanto na adoção de comportamentos não tradicionais para criar novos símbolos de identidade tradicional " (op.cit.., p. 39-41).

No Brasil, Tocchetto (1991: 10) a partir do conceito de identidade como uma construção coletiva e da cultura material como um suporte de linguagem visual, demonstra como se manifesta a questão da etnicidade entre os guarani missioneiros.

Admitindo um conceito de identidade não estático, a adoção de comportamentos tradicionais e não tradicionais pode ser vista como uma maneira pela qual identidades são reformuladas. Esta reformulação ou reconstrução nos parece um ponto central no contexto das relações entre os escravos africanos e seus descendentes no Brasil, se consideramos a dispersão e desestruturação de qualquer organização que possibilitasse a manutenção de forma coesa e duradoura do 'ethos' de grupos específicos.

Oliver (1994: 188) faz uma breve descrição de uma situação onde se identifica a construção (ou reconstrução, se admitimos que identidades não se constróem com uma ausência total de 'background') de uma nova identidade. Este exemplo diz respeito a um novo termo, que segundo o autor é quase étnico, surgido a oeste do lago Tanganica, na África: *Manyema*. Este termo parece ter sido referente " (...) a todos os súditos locais e seguidores de agrupamentos costeiros. (...) o termo indicava os indivíduos de todas as sociedades bantu ocidentais que se tornaram destribalizados (...). Já no final do século, os Manyemas tinham desenvolvido um sentido de comunidade que se exprimiu na primeira resistência organizada à usurpação do governo rei Leopoldo. " (1994: 188).

Um estudo que vem focalizando esta questão de maneira bastante interessante trata " (...) a construção da identidade nagô na Bahia, no século XIX, como parte do processo de reconstrução das identidades africanas na diáspora (...) " (Oliveira, 1997)[8]. Durante a apresentação, Oliveira expôs que as redefinições das identidades étnicas dos africanos estão baseadas em idéias de laços de nação ampliados. Para identificar este processo, toma o exemplo dos cultos afro-brasileiros,

---

[7]Na primeira colocação os autores se referem a um trabalho de Mac Guire (1982: 163), e na segunda, à Stevenson (1985)

[8]Maria Inês Côrtes de Oliveira (UFBA) apresentou este trabalho, intitulado " A grande tenda nagô " no V Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador, de 17 a 20 de agosto de 1997. O trabalho faz parte da sua tese de doutoramento, e será publicado nos anais do congresso. A citação é referente ao livro de resumos do congresso.

fazendo uma leitura do terreiro de candomblé como um espaço de interação interétnica, onde orixás de origens africanas diferentes dançam juntos numa mesma festa.

Estes foram exemplos de como o conceito de etnicidade vem sendo direcionado por alguns autores. De uma maneira geral, percebemos que embora as diferenças de origem sejam relevantes, as explanações acerca de etnicidade devem ser sofisticadas, principalmente quando tratamos de contextos de interação e competição, seja por recursos escassos, seja por poder ou privilégio (Barrett, 1996: 15). Barrett alerta que esta análise deve incluir grupos que são dominantes numa sociedade, aqueles " (...) que gozam do privilégio de não serem percebidos como um grupo étnico (...) " (ibid.).

O conflito étnico entre o branco e o negro no Brasil é historicamente evidente, no entanto, a construção de identidades entre os escravos não se deu de forma homogênea. Quando tratamos da relação entre os escravos sob esta perspectiva, nos deparamos com um problema de base teórica sério; onde exatamente entra a competição entre os escravos ? O que nos leva a uma segunda pergunta; que condições sociais e culturais diferenciadas permitiram que fosse constituída uma diversidade de identidades ? Ora, que essas diferenças foram estruturadas de alguma forma, isto parece certo, e os candomblés são uma forte evidência disto, ou ainda referências como as de " (...) escravos em Vassouras que haviam nutrido animosidade contra os nortistas ou baianos, que se sentiam culturalmente superiores " (Stein, 1990: 181). Manifestações como a capoeira nos parece um outro exemplo a ser estudado neste sentido, assim como o registro arqueológico.

O termo competição talvez não caiba neste contexto, mas sem dúvida alguma a relação com o outro era não só presente, como intensa. Nos resta identificar quais as bases sobre as quais esta relação foi estruturada. Sugerimos que para isto sejam considerados os diferentes fluxos de escravos, tanto àqueles vindos da África, quanto os que configuraram a circulação de escravos no interior do Brasil. Paralelamente, resgatar as formas de criação de laços entre os escravos, e a sua relação étnica. O candomblé nos parece uma instituição chave desta estrutura.

Contudo, pelo momento, estamos apenas procurando constatar a existência deste comportamento etnicamente diferenciado no registro arqueológico, que, no futuro, com um maior aprofundamento, e, principalmente, com a soma de dados provenientes de estudos antropológicos, históricos e arqueológicos, talvez possamos nos aproximar da estrutura básica das relações interétnicas entre os escravos no Brasil. Acreditamos que os mecanismos de diferenciação que são acionados pelos escravos não é necessariamente um reflexo de uma 'condição de classe'.

3. O USO DE CACHIMBOS CERÂMICOS POR ESCRAVOS

Identificar o escravo nas suas atividades cotidianas, forjando relações, pode nos ajudar a compreender como a própria manutenção e reelaboração do sentimento de etnicidade pode ser considerada uma forma 'pacífica' de resistência, que, de certa maneira, mostra como a diversidade cultural aparece e estrutura a vida social do escravo.

Quando nos aproximamos de aspectos do cotidiano dos escravos, identificamos o uso dos cachimbos cerâmicos nos meios urbanos e rurais. Os contextos arqueológicos, assim como os relatos de viajantes que vieram ao Brasil no século XIX nos informam que tanto os ambientes domésticos quanto os públicos foram cenários de encontros entre escravos, e em ambos o uso desses objetos foi constatado.

Na caracterização de tipos populares, Joaquim Candido Guillobel (Belluzzo, 1994: 91) identifica uma negra de ganho com seu enorme cachimbo e filho às costas, e Alken & Chamberlain, talvez com o intuito de ressaltar um aspecto de personalidade, dão um ar de vadiagem a um negro maltrapilho que andava folgado fumando seu cachimbo (op.cit., p. 94). O fumo em cachimbos foi retratado nas mais diversas situações. Nos mercados de escravos aparece como uma constante, embora devamos relativizar tal freqüência, como sugere Oliveira (1987: 161) ao discutir o uso da literatura dos viajantes (Rugendas, 1989: 4e. Div., Pl.3) (Fig.1).

Não só em locais onde os negros estavam confinados ou trabalhando, como ilustra a pintura de Landseer de um rancho para o repouso de tropeiros com um dos escravos fumando seu cachimbo (Belluzzo, 1994: 47), mas, no que diz respeito aos centros urbanos, principalmente, na rua.

O ambiente das ruas foi local de encontros, como os discutidos por Graham (1992) e Elmir (1990), ou os descritos pelos próprios viajantes. Chamamos particular atenção para os chafarizes, onde " as roupas a secar ou quarar ao sol implicavam longas esperas para as lavadeiras, tempo suficiente para lavar suas próprias roupas ou cuidar de suas crianças, trazidas até o local da lavagem ou deixadas a correr num pátio. Lavar roupa [atividade feita nos chafarizes da cidade até a primeira metade do séc. XIX] propiciava a oportunidade para a camaradagem. (...) A vida da rua engajava as criadas em uma comunidade maior que o lar ou a vizinhança " (Graham, 1992: 66). Intensamente freqüentados por negros, os chafarizes eram espaços públicos nos quais o escravo fugia do controle

direto do seu senhor. Os viajantes retrataram esses locais sempre com amontoados de pessoas, de forma suja e desordenada[9].

As rodas de capoeira foram momentos clássicos de encontro, de circulação de objetos, comidas, costumes de uma maneira geral[10](Fig.2), que, assim como os 'batuques', festividades religiosas[11](Fig.3), mercados, fizeram da rua um local de convívio social para os escravos que se encontravam nas cidades. Nas palavras de Graham: " Ali [na rua] encontravam a diversão, combinavam encontros ou se reuniam por acaso nos ambientes acessíveis e familiares das praças, parques e mercados. (...) Assim, para os pobres, os lugares predominantemente sociais, onde forjavam relações e se associavam em atividades que os aproximavam uns dos outros, eram os locais públicos da rua (...). Em termos de dia-a-dia, os lugares [procurados] eram a taverna ou a venda da esquina ", ou ainda, " a igreja - ou melhor, os espaços abertos em frente e à volta da igreja (...) ". Local onde podiam encontrar o " (...) vendedor de ervas [que era] consultado a respeito de doenças (...) " (op.cit., p. 77, 79) (Fig.4), embora em casos mais sérios ou íntimos procurassem feiticeiros ou mães de santo, envolvendo-se com os cultos típicos do candomblé. " Para agir assim, os pobres se orientavam de acordo com construções culturais específicas " (op. cit., p.102).

Desta maneira, a rua aparece como um local onde vínculos com antigos costumes são mantidos, onde se torna possível encontrar vestígios de usos materiais e crenças de origem africana, nem sempre com ligação direta a uma cultura ancestral específica, mas a identidades pré-existentes que passam a ser reelaboradas. É neste contexto que o uso dos cachimbos foi freqüentemente retratado, além dos ambientes familiares (Rugendas 1989: 4e. div., pl.5) (Fig.5), e em locais mais afastados (como córregos de rios, afastados do centro da cidade, que serviam para a lavagem das roupas) (op. cit., pl.11)[12] (Fig.6), dando um ar recatado aos encontros [13].

Devemos considerar as grandes fazendas como ambientes de convívio intenso desta diversidade étnica. A interação entre os escravos no meio rural foi pouco trabalhada no que se refere aos seus aspectos cotidianos, mas pode ser percebida em momentos como os batuques, ou mesmo durante o trabalho no cultivo (Parente et al., 1994: 26) (Fig.7), quando os negros entoavam cantigas monótonas (Stein, 1990: 61).

O uso dos cachimbos decorados como objetos cotidianos e públicos nos mostra, antes de tudo, que circulavam sem distinção aos olhos do branco. Rugendas (op. cit., 3e. Div., Pl. 27) mostra

---

[9] ver Rugendas (1989: 4e. Div., Pl.14) e Hildebrant (Belluzzo, 1994: 106-107).
[10]ver Rugendas (1989: 4e. Div., Pl.18), prancha " Jogar Capoëra: ou danse de la guerre ".
[11]As festividades religiosas ocorriam tanto nas ruas quanto em locais mais 'reguardados', como terreiros de candomblé, ou mesmo as igrejas, como as da Irmandade da Nossa Senhora do Rosário. No entanto, não entraremos a fundo nesta questão.
[12]v. Debret ..... e Joseph Selleny (Belluzzo, 1994: 169) para esses locais de encontro de lavadeiras.
[13]v. Rugendas (1989: 1e. Div., Pl.27) e Monvoisin (Belluzzo, 1994: 135).

uma cena de uma negra com seu cachimbo junto a um padre que, ao nosso ver, ilustra bem esta situação (Fig.8). Refletindo sobre a pintura de Rugendas, e partindo do princípio que este cachimbo era decorado e utilizado como uma forma de expressar identidade, como faziam com o próprio corpo, esta é uma cena bastante interessante, na qual aparece a sutileza do uso de símbolos, onde o padre, no caso, não tem acesso aos seus possíveis significados. Vemos a manutenção de traços étnicos como uma forma de resistir à coisificação pretendida pelo colonizador, e, desta maneira, o uso dos cachimbos como uma estratégia de resistência.

A partir desses encontros do dia-a-dia estamos considerando que pessoas de diferentes origens recriavam laços constantemente, e, nesse sentido, a recriação/reconstrução da própria identidade étnica nos parece um ponto central. Para perceber essa reformulação dos sentimentos de identidade, e, consequentemente, as relações entre africanos e descendentes de africanos das mais diversas origens étnicas, estamos observando a distribuição de padrões decorativos dos cachimbos cerâmicos, intra e inter-sítios.

Consideramos que no Rio de janeiro, do final do séc. XVIII até a primeira metade do século XIX, este processo se deu intensamente, com um constante fluxo de africanos alimentando sentimentos fortemente ligados às origens africanas[14]. Ao nosso ver, este é um contexto particularmente interessante para desenvolvermos as propostas aqui estabelecidas.

Graham (1992: 20-21, 36-38, 69) mostra como as mudanças na paisagem da cidade, na segunda metade do séc. XIX (particularmente no centro urbano do Rio de Janeiro a partir da década de 1860), influenciaram, entre outros fatores, no cotidiano do escravo. Quando então ocorreram " inovações que se traduziam em arranjos domésticos [que] tinham, para as criadas (...), a conseqüência de modificar os locais e contextos sociais de trabalho " (op. cit., p.69). E ainda, " (...) o trabalho doméstico foi se tornando cada vez menos território de escravos " (op.cit., p.21), tendo em vista o crescimento do trabalho livre assalariado.

De uma maneira geral, a segunda metade do século XIX teve o aceleramento do processo de modificação da mão de obra e do próprio sistema escravista[15], e ainda, o fluxo de entrada de africanos reduzido, embora o tráfico interno de escravos (principalmente na direção NE-SE) fosse intenso. Estes diferentes fluxos de escravos dificultam nosso objeto de estudo, que se torna mais complexo se adicionamos as questões que levantamos anteriormente com relação à África. Foi neste contexto da segunda metade do século XIX que identidades coletivas foram ampliadas. O exemplo do carnaval, como foi explorado por Graham (1992: 81-84), demonstra o processo de sincretismo e

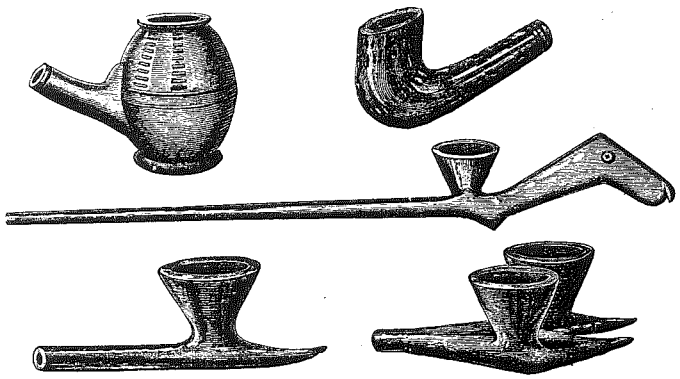
[14]v. Florentino (1995: 59, 227) demonstra o volume de africanos desembarcados no Rio atingindo seu clímax nas primeiras décadas do século XIX.

miscigenação, que resulta na perda de alguns mecanismos simbólicos de representações étnicas particulares, criando identidades mais amplas, como a de ser negro.

[15]Para estudos arqueólogicos deste processo ver Minetti (no prelo) e Sousa (comunicação pessoal, 1997 - dissertação de mestrado em andamento).

4. O RELATO DOS VIAJANTES

As cenas produzidas pelos viajantes, nas quais o cachimbo é retratado, não evidenciam com clareza as decorações desses objetos, que são constatadas com grande freqüência no registro arqueológico. Por outro lado, alguns viajantes que foram, também no séc. XIX, à África (Cameron, 1877, Stanley, s.d. e Capello & Ivens, 1886), retrataram cachimbos decorados, inclusive associados a grupos ou regiões específicas, como mostra este desenho de Stanley (op. cit., p. 223):



PIPAS DE LOS INDÍGENAS DE INDESURA

Isto nos demonstra os objetivos e a própria visão dos viajantes em questão, isto é, aqueles que se aventuraram na África tinham objetivos muito claros de fazer um "reconhecimento de área", o que inclui fauna, flora, geografia e grupos humanos, de maneira que possibilitasse a exploração (subentende-se dominação) do interior africano. Já no Brasil, os negros eram vistos primeiramente numa categoria mais ampla; a dos escravos. Esta era representada por indivíduos de origens exóticas que, uma vez arrancados da sua terra, não teriam vínculos culturais específicos. E, como sabemos, a própria história por muito tempo tratou os escravos desta maneira.

Muito podemos aproveitar da literatura dos viajantes, especialmente os contextos de uso dos cachimbos e o próprio hábito do fumo. Cameron, Stanley e Cappello & Ivens relatam a variedade de tipos de tabacos e seus usos. O fumo em cachimbos não é retratado com grande freqüência ou descrição, o que pode ser entendido na medida em que este hábito era também bastante comum entre os europeus. Percebemos como o uso dos cachimbos era amplo, e que, por outro lado, não causavam a estranheza dos viajantes, quando Cappello & Ivens (1886: 314) mencionam este costume, quase que por acaso, ao descreverem a cor dos africanos e seu tipo de pele, ressaltando a

resistência das palmas das mãos que pegavam " (...) no carvão em brasa e o colocavam no cachimbo sem a menor impressão ". É importante ter em mente que o fato dos cachimbos não serem amplamente descritos, não implica a restrição do seu uso, mas, ao contrário, que era um hábito tão comum, inclusive para os próprios viajantes, que não despertava maiores interesses aos seus observadores. Podemos perceber isto quando Cappello & Ivens (op.cit., p. 275) consideram um grupo de Liteta " (...) um caso raro, detestando o cachimbo, fumando geralmente o tabaco fortíssimo que possuíam em tubos de caniço ".

Cameron nos dá uma melhor descrição deste costume entre os habitantes de Hisinéné, que " (...) toda manhã saíam de suas cabanas e se sentavam em volta de fogueiras fumando o seu tabaco matinal (...) " (1877: 190); uma cena que lembra a ilustração de Rugendas de uma habitação de negros no Brasil (1989: 4e. Div., Pl.5). Cameron menciona ainda importância das *sofi*[16], que foram identificadas pelo autor como " alguma coisa parecida com pequenos pedaços de haste de cachimbos quebrados " (1877: 246). Relata sobre alguns mercadores que funcionavam como verdadeiras casas de câmbio, fazendo a troca dessas contas (*pipe stem beads*) com as pessoas interessadas. Ainda sobre essas contas, produzidas através do reaproveitamento de fragmentos de cachimbos, descreve seu uso como adorno em penteados em Mikisungi (op.cit., p.279).

Como neste estudo seria impossível abordar grupos, ou mesmo regiões específicas, de onde seguramente foram escravizados indivíduos e transportados para o Brasil, foram escolhidos viajantes que fizeram suas expedições na região do Congo no século XIX. Isto, para que, de uma maneira geral, possamos ilustrar o uso dos cachimbos numa região de onde supostamente (e relativamente, como vimos) foi proveniente um grande contingente de escravos, que ajudou a suprir a demanda de mão de obra no Rio de Janeiro na mesma época.

Acreditamos que um maior aprofundamento sobre este costume na África pode ser obtido através de dados etnográficos. O relato dos viajantes que vieram ao Brasil também deve ser melhor explorado.

[16] Tipo de conta que servia de moeda. A importância das contas de vidro nas relações comerciais é amplamente descrita na literatura dos viajantes.

5. AS MARCAS DE ESCRAVOS

Viajantes como Debret e Rugendas, assim como a fotografia de Christiano Jr., registraram marcas tribais que os escravos traziam em seu corpo. As escarificações foram reproduzidas por muitos naturalistas, tanto na África quanto no Brasil, ora identificadas como marcas tribais de iniciação, ora representando um certo grupo de uma comunidade. Assim, parece que foram marcas usadas como símbolos de identidade étnica, que o próprio branco usou em suas listagens e registros de escravos como forma de identificação e controle da 'mercadoria'.

A arte africana, por exemplo a escultórica, também reproduziu essas escarificações. Ao que parece tais práticas não foram totalmente extintas no Brasil, apesar de terem sido direcionadas a novos usos[17].

Neste trabalho, apresentamos um quadro com o levantamento de algumas marcas (anexo), chamando atenção para a possibilidade de futuras comparações. Algumas delas sugerem profunda semelhança com decorações encontradas na cerâmica neobrasileira[18]. Os cachimbos vem apresentando, se não desenhos semelhantes, a presença de signos específicos, nos levando a crer que teriam significados tão releventes quanto às escarificações que os escravos traziam em seu corpo.

[17] v. João do Rio (1995: 30-31).
[18] Identificamos esta semelhança na amostra da Fazenda da Mandioca, no Rio de Janeiro.

6. CACHIMBOS CERÂMICOS DECORADOS

6.1. PERSPECTIVA DE ANÁLISE

Barth (1970: 14) esclarece dois fatores pelos quais " os conteúdos culturais das dicotomias étnicas devem ser analiticamente (...) " entendidos. O primeiro deles diz respeito aos sinais diacríticos que são exibidos como forma de expressar identidade, e o segundo às orientações de valores básicos. Consideramos o primeiro deles de particular interesse para a arqueologia.

Para entendermos como os cachimbos produzidos por negros no Brasil colonial podem ter servido como suportes para manifestação de etnicidade, é preciso considerá-los como veículos de informação que pode ser transmitida através de estilos específicos. Hegmon (1992: 528) destaca que " um componente importante [na relação da cultura material com etnicidade] (...) é o entendimento de que esta associação não é automática, (...) mas estilo - uma maneira de fazer ou decorar a cultura material - é um componente ativo na definição de grupos ". A autora ressalta ainda como a informação transmitida através do estilo é complexa e muitas vezes ambígua, e lembra Wiessner que acredita nesta ambigüidade da informação estilística como uma estratégia importante nas relações sociais (1992: 520). Concordamos com Wiessner sobre a idéia de que estilo " (...) é uma das várias formas de comunicação através da qual as pessoas negociam a sua identidade pessoal e social (...) ", a partir de um processo de identificação via comparação (1989: 57).

Washburn (1994: 157), citando estudos de etnoarqueologia, mostra como estes vêm resolvendo alguns problemas com relação às análises estilísticas. Entre eles, Hodder parece chamar atenção para itens de representação tribal, especialmente em contextos de interação, nos quais, entre a guerra e a competição pelos recursos, a identidade seria mais evidentemente marcada na cultura material. E Wiessner, com a definição de dois tipos de variação estilística, que representariam relações inter e intra grupais, que são a de estilo emblemático e estilo assertivo; caracterizados por atributos que carregam informações sobre a identidade social e pessoal, respectivamente[19]. A análise, neste caso, deve se basear em variabilidade e homogeneidade ao mesmo tempo.

Embora Washburn admita a necessidade destes estudos, ressalta que antes de se estabelecer fronteiras étnicas devemos investigar " (...) os fatores que estão em um nível mais básico do que os fatores objeto-específicos. Estes são as propriedades componentes básicas da forma. Eles são combinados para formar os fatores objeto-específicos que registramos e vemos como estilísticos "

[19]Para melhor esclarecimento destes conceitos ver o comentado debate de P.Wiessner e J.R.Sackett em Shennan (1994: 17-21), Wiessner (1989:58), Hegmon (1992: 522-524).

(1994: 158). A autora admite que ambos, os fatores de nível básico e objeto-específicos são utilizados pelo indivíduo no processo de reconhecimento e categorização.

Tais considerações merecem um maior aprofundamento; contudo, como não apresentaremos uma análise estilística, no sentido de como vem sendo entendida esta análise, estas considerações servem apenas para mostrar uma direção para compreendermos a dinâmica de símbolos de representação étnica.

O que realmente nos leva a pensar sobre questões estilísticas são as decorações que vêm sendo identificadas nos cachimbos cerâmicos de vários sítios históricos, principalmente do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Antes de tudo, é preciso esclarecer que não consideramos a produção de elementos decorativos por escravos africanos e seus descendentes diretos como motivos meramente estéticos. Considerar que pessoas retiradas de sociedades, que são reconhecidas pela riqueza da produção material de símbolos (v. Meyer, 1994), passam a reproduzir padrões de decoração de maneira aleatória e mecânica, significa afirmar uma bem sucedida coisificação dos seres humanos então envolvidos, hipótese que descartamos completamente.

6.2. PROCEDÊNCIA DAS AMOSTRAS

As amostras de cachimbos que estão sendo analisadas são provenientes de sítios contextualizados em ambientes rurais, semi-rurais, urbanos e em quilombos. Num primeiro momento, nosso recorte se restringiu ao Rio de Janeiro e ao século XIX, mas tendo em vista a baixíssima freqüência das peças por sítio, foi necessária a ampliação do recorte no tempo e no espaço, e ainda, inserir, com algumas restrições, coleções museológicas. Certamente o controle da análise não será tão preciso; no entanto, correremos o risco para que, pelo menos, possamos fundamentar algumas questões e propor direções para análises. Futuramente, esperamos obter resultados mais seguros através da comparação dos padrões que estamos identificando, numa perspectiva de ampla dispersão geográfica, com amostras amarradas a contextos específicos e bem caracterizados.

O maior número de peças analisadas é proveniente de sítios rurais. No Rio de Janeiro, se destaca a amostra da Fazenda da Mandioca (FM), com 24 cachimbos, 8 padrões decorativos identificados, e 3 outros padrões que por serem representados por peças que não permitiam parâmetros comparativos, ou por pequenos fragmentos, nos serviram apenas para enfatizar a variedade de padrões decorativos recorrentes. À esta amostra podemos adicionar mais 6 peças, provenientes do sítio Casa das Três Viúvas (C3V) e Sítio Celina (SC), que estão contextualizadas dentro do complexo maior da Fazenda da Mandioca.

Durante o ano de 1989 foram escavadas algumas ruínas e construções possivelmente relacionadas à antiga Fazenda da Mandioca, que tem seu contexto inserido no século XIX (Lima, comunicação pessoal, 1997). Os cachimbos são provenientes de uma área em ruínas (denominada construção A), na qual foram evidenciados elementos construtivos e uma baixa densidade de artefatos, caraterizando uma casa em processo de construção. No entanto, a maior parte das peças, assim como grande parte da amostra relativa a este sítio, é proveniente dos fundos da outra ala da casa que foi utilizada possivelmente como sede da fazenda, enquanto a outra, em obras (construção A), não ficava pronta. Esta segunda área (denominada Fundos) apresentou um perfil estratigráfico com dois níveis distintos (um com sedimento amarelo - CA, e outro com sedimento preto - CP). Tais níveis parecem ter sido revolvidos de tal maneira, que em laboratório foi constatado um grande número de peças reconstituídas com fragmentos de ambas. Por volta de 1830, a região passou a pertencer à Fábrica de Pólvora da Estrela, contexto que vem sendo analisado atualmente por Sousa (dissertação de mestrado em andamento).

A Fazenda São Fernando (FSF), localizada no município de Vassouras, deve ser entendida no contexto das grandes fazendas de café do Vale do Paraíba, no século XIX. Foram escavados alguns cômodos e as imediações da senzala (Lima et al. 1993: 186-187), onde foram recuperados basicamente materiais construtivos. Além destes vestígios, provavelmente relacionados com o próprio desabamento da construção, foram resgatados " ... em torno de uma dezena de cacos de faiança branca, dois policromados e dúzia e meia de cacos de vidro, ... " (Lima et al. 1993: 187). Também foi escavado o entorno de tanques, aonde foram encontrados apenas 5 cachimbos. Dentre as peças desta reduzida amostra identificamos 3 padrões decorativos, sendo que um deles está associado ao padrão de maior freqüência na Fazenda da Mandioca.

Ainda caracterizando o ambiente rural do Rio de Janeiro no século XIX, analisamos a amostra proveniente da Fazenda Vila Rica, cujo material foi coletado por Manes Bandeira na década de 70, e está sendo analisado por Lemos et. al. (1996). As diversas fazendas e sítios instalados no espaço que compreende a atual Floresta da Tijuca são característicos da segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, isto é, após a expulsão dos jesuítas da região em 1759, até, pelo menos, 1860, quando " (...) a lavoura cafeeira trouxe a desertificação e a escassez da água potável para região, [sendo então decretado pelo Imperador Pedro II] (...) um reflorestamento e a recuperação das nascentes, através de um plantio intenso e sistemático de toda a área (...), desapropriando as terras junto aos mananciais de água " (Lemos et. al., 1996: 161).

Dos sítios escavados por Manes Bandeira, tivemos acesso a 4 cachimbos provenientes do sítio Vila Rica (VRCH), com pelo menos 2 padrões identificados; 1 do Midosí (MIC); e 1 peça com

a referência perdida. Os cachimbos referentes ao primeiro sítio aparecem associados a toda tralha doméstica comumente encontrada neste tipo de ocupação[20].

Em São Paulo, analisamos as amostras de dois sítios contextualizados em ambiente rural; Morrinhos (MO) e São Francisco 01 (SSF). O primeiro deles constitui um exemplar da típica arquitetura rural paulista, com uma data que remonta aos primeiros anos do século XVIII. No entanto, pouco se sabe sobre a sua ocupação durante este período, e, ao que parece, foram encontradas documentações referentes à transmissão da propriedade somente a partir de 1798, quando junto foram vendidos escravos e gado[21]. Durante todo o século XIX pertenceu a família Baruel, que teve como residência a sede da fazenda. Não temos referências mais precisas do contexto dos achados *in situ*. Analisamos 3 cachimbos, cada qual com uma decoração particular, sendo que uma delas pode ser associada à um padrão identificado em coleções museológicas referentes a Minas Gerais.

O Sítio São Francisco 01, engenho provavelmente do final do século XVIII e início do XIX, situa-se no litoral norte de São Paulo, e é bem verdade que encontramos dúvidas em entendê-lo em um contexto rural ou semi-rural, tendo em vista a sua proximidade com ambiente portuário (o sítio localiza-se a 1 Km da praia). Foram identificadas muitas estruturas além da casa principal, como a senzala, um aqueduto, forno, entre outros[22]. Atrás da área do forno foi escavada uma grande estrutura, de 30m x 30m, aonde foi evidenciada grande quantidade de material arqueológico, das mais diversas naturezas, inclusive cachimbos cerâmicos. Esses últimos apresentaram uma particularidade bastante interessante e complexa; uma grande freqüência de tipos que são identificados como caboclos (Wagner G. Bornal, comunicação pessoal, 1997; Araújo, 1964: 282; Departamento de Cultura-Prefeitura do Município de São Paulo, 1942: 159), coexistindo com padrões que estamos identificando como de escravos, isto é, semelhantes àqueles encontrados no Rio de Janeiro, e que seguramente não estão relacionados ao branco (Fig.25).

O contexto deste sítio deve ser aprofundado, assim como a análise da cultura material. Como a proposta aqui não é a de um estudo de caso, mas, ao contrário, de levantar questões abrangentes que possam vir a ser testadas, em contextos nos quais o uso da mão de obra escrava africana foi utilizada, a nossa análise se restringiu aos 16 cachimbos que podem nos servir em termos comparativos com outras amostras. No entanto, é importante ressaltar que a grande maioria da

---

[20] v. Relatórios de campo das escavações realizadas por Manes Bandeira no Parque Nacional da Tijuca: IPHAN - Projetos e Relatórios: caixa 31 - Parque Nacional da Tijuca.

[21] v. Relatório de projeto de restauro do sítio Morrinhos: Divisão de Preservação do Departamento do Patrimônio Histórico - SP.

[22] O sítio São Francisco 01 foi escavado e trabalhado por Wagner Gomes Bornal na sua dissertação de mestrado apresentada à USP.

amostra (mais de 50 peças) estaria relacionada a tipos caboclos, que destaca a particularidade deste contexto, e a expressiva diferença dos tipos identificados nos outros sítios.

Entre os sítios que estão inseridos em um contexto semi-rural destacamos a amostra do Solar Grandjean de Montigny (SGM), no Rio de Janeiro. O sítio está localizado na área externa da antiga residência do arquiteto francês Grandgjean de Montigny, no atual campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Foram identificadas áreas de dejeção no entorno da casa, onde foram recuperados materiais de uso doméstico. O material resgatado vem demonstrando a ocorrência de diferentes e sucessivas ocupações no solar (Lima, comunicação pessoal, 1997). O denominado nível IV parece estar relacionado à ocupação do referido arquiteto, que chegou ao Brasil em 1816 (falecendo em 1850).

Foram encontrados 13 cachimbos e identificados 7 padrões decorativos. Na referida camada IV foram evidenciadas peças com tipos decorativos que não permitem associações com os tipos que são referentes à denominada camada III[23]. Foram ainda encontradas peças dentro de duas estruturas de dejeção de lixo; uma delas relacionada já com o final do século XIX; nesta, foram encontrados dois cachimbos no seu primeiro nível com decorações iguais às encontradas na camada III. Como nesta estrutura foram evidenciados cachimbos apenas neste primeiro nível, levantamos a possibilidade de este material ter sido carreado da área do sítio onde ocorre a camada III, que se encontra próxima à referida estrutura. Na segunda estrutura foi encontrada uma peça, no entanto a sua cronologia ainda não foi estabelecida.

Ainda no Rio de Janeiro, em um contexto semi-rural, foram encontrados 6 cachimbos na Casa dos Pilões (CP), situada no Jardim Botânico. No entanto, não tivemos acesso às informações referentes ao trabalho de campo e aos contextos desses vestígios. No caso desta amostra, será abordada apenas a ocorrência dos padrões, por não termos tido tempo para um contato mais direto com as peças, apenas uma visita à exposição permanente no local.

Em Porto Alegre, no Solar Lopo Gonçalves (SLG), foi encontrado um fragmento de cachimbo com indícios de um padrão decorativo identificado em quase todos os sítios acima referidos, em uma camada datada da segunda metade do século XIX (Symanski, 1997). Este contexto de unidade semi-rural no Rio Grande do Sul não difere muito do contexto geral do Solar Grandjean de Montigny por exemplo, mas não entraremos em detalhes para que nosso recorte não se perca. Fica apenas constatada esta evidência com relativa distância do local onde está sendo amplamente reproduzida (no Rio de Janeiro).

---

[23]O material do Solar Grandjean de Montigny ainda não teve a sua análise concluída, e a camada III ainda não teve a sua referência cronológica determinada.

Entre os sítios urbanos dos quais observamos os cachimbos encontrados, a Imperial Sociedade Amante da Instrução (SAI) apresentou apenas 1 peça, que foi encontrada num desmoronamento de perfis, após forte período de chuvas. A documentação histórica mostrou a transferência, em 1869, da residência do jurista Teixeira de Freitas para a sede do Colégio Abílio, que funcionou de 1870 a 1885 como um colégio para rapazes da elite. E, finalmente, em 1886, passou a ser sede da Imperial Sociedade Amante da Instrução, entidade educacional de apoio à meninas órfãs.

Em São Paulo, no sítio Florêncio de Abreu (FA), foram coletados pelos operários 3 cachimbos, entre quais identificamos 2 padrões. A casa está contextualizada no final do século XIX, quando " a passagem do café por São Paulo em direção à Santos capitalizou a cidade, estimulando a instalação de instituições bancárias, casas comerciais e de serviços "[24]. Por volta de 1880, processaram-se loteamentos nas vizinhanças da rua Florêncio de Abreu, quando então instalou-se um comércio intenso, que funcionava geralmente no andar térreo dos grandes sobrados.

Ainda em São Paulo, a Casa 1 - Pátio do Colégio (C1- PC) apresentou 1 cachimbo, contudo não temos referências sobre a sua ocupação[25]. Para este estudo não será imprescindível a contextualização deste sítio, uma vez que apresenta apenas uma peça sem decoração, apesar de uma forma particular.

No Espírito do Santo, a partir das escavações realizadas na Igreja de Anchieta (IA)[26], foram evidenciados 4 cachimbos e 3 padrões decorativos, sendo um deles semelhante a um padrão encontrado no Rio, e outro, com duas peças, pode ser comparado com cachimbos encontrados por Mello Neto (1983: 128) no Forte das Cinco Pontas, em Recife.

Os quilombos do Ambrósio (QA) e do Guinda (QG), em Minas Gerais (Guimarães, 1990), apresentaram juntos um número mínimo de 5 cachimbos; 3 padrões decorativos, e 2 peças sem decoração. No quilombo do Ambrósio 2 peças estavam associadas às ruínas de uma casa, e outras duas foram coletadas em superfície.

Nos resta apenas mencionar os cachimbos provenientes de coleções museológicas, alguns com referências de origem, muitos doações de coleções particulares, e outros encontrados ocasionalmente. As coleções as quais nos referimos são a coleção da reserva técnica do Museu Histórico Nacional (MHN), e a coleção Raul Tassini do Museu de História Natural - UFMG (CRT).

---

[24] Relatório de pesquisa coordenado por Astolfo Gomes de Mello Araújo - DPH-SP, 1992.

[25] As peças provenientes dos sítios Florêncio de Abreu e Casa 1 - Pátio do Colégio são referentes ao meterial que está sob a guarda da Divisão de Preservação do Departamento do Patrimônio Histórico - SP, assim como os respectivos relatórios de pesquisa.

[26] NAJJAR, R.P.M. & REZENDE, C.A., *Coleção de louças da Igreja da N.S. da Assunção, Anchieta / ES - Projeto de Restauração.* Painel apresentado ao XIX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de janeiro, 1997.

Tais amostras não apresentam referências muito precisas, assim, faremos uso das peças que de alguma forma podem ser relacionadas aos vestígios arqueológicos.

Não tivemos o intuito de caracterizar com precisão os contextos dos quais os cachimbos são provenientes. Tendo em vista o completo vazio de estudos deste tipo de material no Brasil, sentimos a necessidade de expor ao menos uma breve referência, que, por outro lado, é fundamental para uma contextualização mínima das peças, tanto com relação às especificidades deposicionais, quanto ao período histórico no qual se inserem.

De uma forma esquemática podemos perceber a freqüência geral de peças por de sítio e o número padrões identificados por tipo sítio[27]:

Sítio	Tipo de Sítio	NMP	No. Padrões Identificados
FM	rural, RJ	24	11
C3V	rural, RJ	5	4
SC	rural, RJ	1	1
FSF	rural, RJ	5	3
VRCH	rural, RJ	4	2
MIC	rural, RJ	1	1
MO	rural, SP	3	3
SSF	rural, SP	16	7
SGM	semi-rural, RJ	13	7
CP	semi-rural, RJ	6	3
SLG	semi-rural, PoA	1	1
SAI	urbano, RJ	1	1
FA	urbano, SP	3	2
C1-PC	urbano, SP	1	1
IA	urbano, ES	5	3
QA	quilombo, MG	2	2
QG	quilombo, MG	4	3
MHN	museu	10	10
CRT	museu	23	6

[27] Os cachimbos referentes às coleções MHN e CRT serão apenas aqueles que servirão para fins comparativos e para a melhor caracterização de alguns padrões encontrados nos sítios.

Assim, observamos entre amostras de 17 sítios e 2 coleções museológicas, num total de 128 cachimbos, cerca de 38 padrões decorativos distintos. Entre estes, pelo menos 11 aparecem repetidamente, em um total de 78 peças (c. 61% da amostra); e cerca de 27 não proporcionaram parâmetros comparativos.

6.3. DESCRIÇÃO DOS TIPOS

Os tipos que serão descritos têm como elemento principal de identificação a decoração. Acreditamos que, com um refinamento da análise, serão fundamentalmente os padrões decorativos que guiarão a identificação de estilos, seguindo as propostas anteriormente mencionadas.

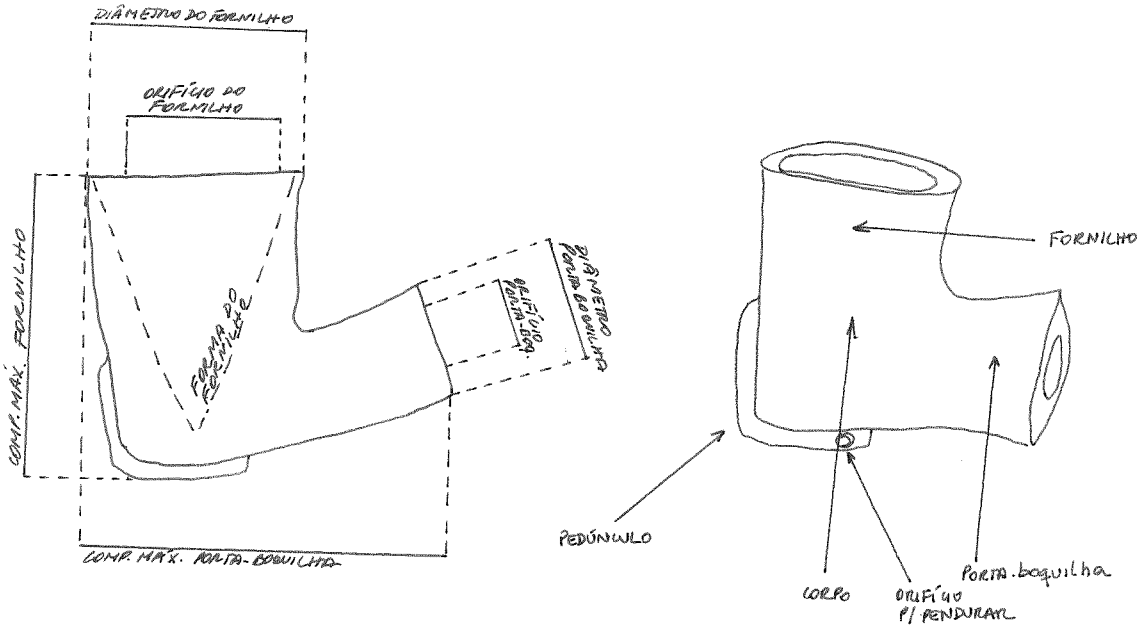
No que diz respeito aos aspectos tecnológicos, a maior parte das peças foi confeccionada a partir de moldes de duas partes, e não tem um acabamento muito preciso. Apresentam a parte interna do fornilho e porta-boquilha com uma forma cônica, que foram produzidas provavelmente por mais dois componentes para a confecção das peças (além do molde), como sugerem traços deixados na parede interna do fornilho. Uma análise traceológica das partes internas do cachimbo, assim como de algumas marcas de molde poderão nos indicar a matéria prima do próprio molde e a existência desses outros dois componentes com forma cônica.

Aparentemente todas foram queimadas em fornos, sendo que algumas nos deixam dúvidas por terem possíveis queimas pós-deposicionais. Pela natureza da amostra, e mesmo pelas nossas prioridades, não foram executadas pequenas quebras para uma avaliação do núcleo das peças. Entre os padrões de maior freqüência verificamos uma queima de qualidade muito boa, dando a peça um aspecto de consistência e rigidez.

Em muitas das peças foi verificado um tratamento de superfície que as enegrece, algumas ficando particularmente lustrosas. Aparentemente não ocorre outro tipo de tratamento de superfície. Também não foram identificadas as argilas e seus respectivos temperos. Certamente esta análise, comparada a mapas pedológicos e/ou com a identificação dos depósitos de argila nas proximidades dos sítios, poderá responder a uma série de questões como a da própria produção local e de supostos centros de produção, assim como a da circulação de escravos de diferentes regiões, e mercadorias possivelmente envolvidas num comércio informal.

Algumas particularidades tecnológicas serão mencionadas na descrição dos tipos, que, como foi dito, estão fundamentados principalmente nos padrões decorativos. Abaixo estão assinaladas as medidas que julgamos relevantes para futuras análises comparativas, tanto entre cachimbos de um mesmo sítio, quanto entre cachimbos de um mesmo tipo. Entendemos que estas medidas podem

complementar os dados sobre a forma de produção dos cachimbos. Estão também assinaladas a nomeclatura das partes do cachimbo que estamos utilizando.



Abaixo apresentamos a descrição dos tipos que apresentam a reprodução de um padrão específico. Vale a ressalva de que as amostras são ainda insuficientes para o estabelecimento de uma classificação com um controle mais preciso. O objetivo da tipologia que apresentaremos é proporcionar parâmetros comparativos para novas amostras, de tal forma que, através de estudos de caso, com a soma de dados provenientes de diferentes fontes científicas, ela seja posta em discussão e testada.

Tipo 1:

O padrão decorativo que caracteriza este tipo apresenta duas linhas paralelas que circundam o fornilho, abaixo uma seqüência de semi-esferas em alto relevo, seguida por mais uma linha e outra seqüência de semi-esferas paralelas. Esta decoração se repete no porta-boquilha. No corpo da peça aparecem junto ao pedúnculo duas concentrações de linhas onduladas em ambos os lados. O pedúnculo apresenta-se de forma pouco proeminente, ou simples.

Deste tipo 1 identificamos subtipos em função de algumas variações que consideramos relevantes:

Subtipo 1a:

A variação ocorre no motivo representado no corpo, próximo ao pedúnculo: apresenta duas linhas com forma semicircular, de maneira que quando observamos a peça por baixo, na direção do cotovelo, elas formam dois círculos concêntricos, um no fornilho e outro no porta-boquilha.

Subtipo 1b:

A variação ocorre no motivo representado no corpo, próximo ao pedúnculo: as linhas onduladas que aparecem no fornilho e porta-boquilha apresentam-se ligadas, formando uma seqüência de 3 linhas. Além desta variação, estão apresentadas pequenas semi-esferas, intercalando as semi-esferas da primeira seqüência, tanto no fornilho quanto no porta-boquilha. As semi-esferas da segunda seqüência são menores que da primeira.

Subtipo 1c:

A variação ocorre no motivo representado no corpo, próximo ao pedúnculo: as linhas onduladas que aparecem no fornilho e porta-boquilha apresentam-se ligadas; numa seqüência de 4 linhas, formando um desenho semelhante (embora de menos precisão) ao do tipo 1e. Além desta variação, no lugar de duas linhas paralelas na extremidade do fornilho e do porta-boquilha (a cima da primeira seqüência de semi-esferas concêntricas), apresenta-se apenas uma.

Subtipo 1d:

A variação ocorre no motivo representado no corpo, próximo ao pedúnculo: neste caso as linhas são substituídas por 4 ou 5 formas como a de um cetro, ou raios com semi-esferas nas extremidades, intercaladas uma maior e outra menor.

Subtipo 1e:

A variação ocorre no motivo representado no corpo, próximo ao pedúnculo: neste subtipo é representado um ramo de 5 folhas. Além desta variação, no lugar de duas linhas paralelas na extremidade do fornilho (acima da primeira seqüência de semi-esferas concêntricas), apresenta-se apenas uma. O porta boquilha também sofre uma variação, apresentando entre duas linhas paralelas, transversalmente a estas, linhas diagonais, também paralelas, em substituição às semi-esferas. No caso desta categoria, o pedúnculo apresenta-se um pouco mais proeminente que nas demais, e o tamanho da peça é relativamente menor.

Subtipo 1f:

Na verdade esta categoria tem como elemento de identificação apenas fragmentos do porta-boquilha, que tem uma linha, e abaixo duas seqüências de semi-esferas; as primeiras maiores e as de baixo menores. É claro que este subtipo terá pouca significância para as discussões a seguir, mas como aparece em mais de uma peça, deve ser observado e comparado a outros padrões decorativos que vierem a ser identificados.

Tipo 2:

A decoração do fornilho apresenta dois frisos delimitados por linhas paralelas, mediadas por linhas em zig-zag. Uma linha paralela acompanha a parte superior do primeiro friso, e uma outra abaixo do segundo. O porta-boquilha apresenta uma seqüência de linhas paralelas que se encontram na parte superior e inferior, isto é, nas marcas que evidenciam o uso do molde na confecção. Em ambos os lados do corpo está representada uma linha sinuosa que tem as suas extremidades ligadas às decorações do fornilho e do porta-boquilha. A presença do apoio também aparece como um elemento importante na caracterização deste tipo. O acabamento da peça é relativamente mais preciso quando comparado com o tipo anterior.

Um pequeno fragmento de fornilho com indícios de frisos semelhantes, mas em substituição às linhas em zig-zag apresenta formas em X, sugere um subtipo deste tipo 2.

Tipo 3:

A decoração do fornilho é representada por uma seqüência de linhas e semi-esferas intercaladas, com o detalhe de apresentarem-se em baixo-relevo. O porta-boquilha apresenta linhas paralelas que se encontram na parte superior e inferior do porta-boquilha. A presença do apoio é também marcante.

Uma das peças identificadas apresenta no lugar das semi-esferas formas com uma tendência retangular, com as linhas paralelas ligeiramente mais afastadas. Até o momento estas diferenças apresentam-se em uma única peça. Se forem constatadas novas evidências, podemos sugerir um subtipo deste tipo 3. Do contrário, fica, aparentemente, como uma expressão bastante individual, que pode ser esperada quando tratamos de uma produção artesanal e localizada (se não individual).

Tipo 4:

A decoração deste tipo consiste em uma incisão que circunda o fornilho, que é cortada transversalmente com traços também incisos. Este parece ser o único elemento decorativo representado, e o pedúnculo é simples. Este tipo apresenta uma particularidade na sua técnica de confecção; embora observemos uma marca no porta-boquilha aparentemente proporcionada pela utilização de molde, o fornilho apresenta-se de forma irregular, sugerindo o modelado. Ao que parece, as peças foram moldadas e posteriormente modeladas, sem o prejuízo da decoração que seria incisa logo em seguida. Talvez a ausência da decoração no molde fizesse com que a peça tivesse a sua forma distorcida quando, com o barro ainda fresco, a incisão era feita.

Tipo 5:

Este tipo está sendo caracterizado por uma decoração de formas com tendência circular, em alto relevo, ao longo da extremidade do fornilho. Estas formas variam entre losangos arredondados, forma de gotas, formas ovais e arredondadas. Esta variação pode ser melhor entendida com a ampliação da amostra. Para a classificação deste tipo também foram considerados: a ausência de decoração no porta-boquilha, com a formação de um ligeiro lábio extrovertido na sua extremidade; a presença de um pedúnculo proeminente com orifício para pendurar; a ausência do tratamento de superfície anteriormente mencionado, constatado nos tipos anteriores.

Tipo 6:

Apresenta linhas paralelas verticais na extremidade do fornilho, tendo abaixo uma seqüência de semi-esferas concêntricas formando um colar. As linhas apresentam-se onduladas por um rebuscamento da peça, sendo a decoração em alto relevo bastante acentuada. Há indícios de uma seqüência de semi-esferas também em torno do porta-boquilha. Ainda como elemento que caracteriza o tipo, consideramos o pedúnculo elaborado, e a presença do orifício para pendurar. Este tipo está representado apenas por uma peça, proveniente da FM, que apresenta uma superfície branca aparentemente da própria argila, isto é, não identificamos um tratamento particular.

Tipo 7:

A decoração que o fornilho e porta-boquilha apresentam consiste em duas seqüências de semi-esferas menores, mediada por uma de semi-esferas maiores. No corpo aparecem as duas concentrações de linhas onduladas. O pedúnculo é elaborado e o orifício para pendurar está presente. Uma das peças apresenta dois orifícios.

Tipo 8:

Está sendo caracterizado por uma forma rebuscada das extremidades do fornilho e porta-boquilha. Acompanhando as depressões, que dão o aspecto rebuscado à peça, seguem duas linhas em baixo relevo. O motivo representado no corpo está sendo considerado o principal elemento de identificação deste padrão; consiste em quatro grupos de três círculos concêntricos, sendo que em uma das peças aparece uma cruz ligando os quatro grupos. O pedúnculo apresenta-se bastante elaborado, e o orifício para pendurar está presente. Não há tratamento de superfície.

Algumas peças foram identificadas com uma decoração abaixo do rebuscado das extremidades do fornilho e porta-boquilha, formando um colar. Em uma peça este colar é representado pela seqüência de semi-esferas, em outra com linhas diagonais e paralelas. Uma vez constatada a regularidade destas variações, sugerimos a criação de subtipos.

Tipo antropomorfo 1:

Caracteriza-se pela representação de um rosto na parte frontal do cachimbo. O olhos apresentam-se finos e o nariz alongado, acompanhando a marca do molde. Em algumas peças verifica-se a presença de um fino bigode, em outros este elemento pode ser questionado. O cabelo é liso, e, fica evidente uma linha nas laterais do rosto, como se estivessem delimitando-o. O porta-boquilha não apresenta decoração. Não está presente qualquer tipo de pedúnculo ou apoio.

Tipo antropomorfo 2:

Este tipo é o único que está sendo estabelecido sem qualquer associação ao vestígio arqueológico, mas nos servirá de ponto de discussão a seguir. Consiste na representação de duas figuras antropomórficas, de corpo inteiro, estilizadas, uma feminina no porta-boquilha e outra masculina no fornilho. As peças na sua concepção geral tem uma tendência rebuscada, com pedúnculo bem elaborado, e está presente o orifício para pendurar.

Tipo antropomorfo 3:

Esta categoria está sendo considerada com fins de divulgação de dados que vêm causando uma série de dúvidas. São peças de qualidade muito boa, tanto na técnica e matéria prima, quanto no acabamento. Uma das peças apresenta vidrado branco, outra foi produzida provavelmente em caulim, e uma outra apresenta o tratamento de superfície que enegrece a peça, de natureza ainda não identificada como foi anteriormente mencionado. Estão representados rostos; na primeira com lábios grossos e nariz largo, está presente um turbante com um círculo no meio e algo que se assemelha à um penacho; as outras duas apresentam um nariz bastante proeminente, e uma delas um grande bigode e turbante com um círculo no centro e algo semelhante a um penacho.

Questionamos se o branco estaria fumando em cachimbos com a representação de rostos e turbantes. No entanto, são peças provavelmente importadas. Sendo assim, não temos ainda condições de responder à perguntas do gênero: importadas e utilizadas por quem? Que personagem estaria sendo representado?

Tabela . Distribuição intersítios dos tipos

tipo	sítio	n.m.p.	tipo de sítio
tipo 1	FM	05	rural, RJ
(Fig.9)	C3V	01	rural, RJ
	SGM	04	semi-rural, RJ
	FSF	03	rural, RJ
	CP	01	semi-rural, RJ
	VRCH	01	rural, RJ
	Floresta Tij.	01	rural, RJ
	SLG	01	semi-rural, PoA
	SSF	01	rural, SP
subtipo 1a	SSF	02	rural, SP
(Fig.11)	FM	01	rural,RJ
subtipo 1b	SSF	02	rural, SP
(Fig.12)			
subtipo 1c	FM	01	rural, RJ
(Fig.23*)			
subtipo 1d	SSF	02	rural, SP
(Fig.10)			
subtipo 1e	SSF	01	rural, SP
(Fig.13)	FM	01	rural, RJ
subtipo 1f	CP	02	semi-rural, RJ
total tipo 1		30	
tipo 2	FM	01	rural, RJ
(Fig.14)	C3V	01	rural, RJ
	SGM	01	semi-rural, RJ
tipo 3	C3V	01	rural, RJ
(Fig.15)	SGM	01	semi-rural, RJ
	VRCH	01	rural, RJ
	MIC	01	rural, RJ
	SC	01	rural, RJ
	SSF	01	rural, SP
tipo 2 ou 3	FM	01	rural, RJ
(ident. a	VRCH	01	rural, RJ
partir do	SGM	01	semi-rural, RJ
porta-boq.)	C3V	01	rural, RJ
tipo 4	FM	02	rural, RJ
(Fig.17)	SAI	01	urbano, RJ
	SSF	01	rural, SP

tipo 5 (Fig.18)	FM CRT	02 02	rural, RJ museu
tipo 6 (Fig.16)	FM	01	rural, RJ
tipo 7 (Fig.24)	CRT QG MHN	04 01 01	museu quilombo museu
tipo 8 (Fig.21)	CRT MO QA MHN	03 01 01 01	museu rural, SP quilombo museu
tipo antrop.1 (Fig.27, 28)	FM SGM IA FA	02 02 01 01	rural, RJ semi-rural, RJ urbano, ES urbano, SP
tipo antrop.2 (Fig.26)	CRT	04	museu
tipo antrop.3 (Fig.29, 30)	FM C3V SSF	02 01 01	rural, RJ rural, RJ rural, SP

Além dos tipos acima descritos foram identificados no mínimo mais 20 padrões diferentes, que por serem representados apenas por uma peça ou fragmentos não nos proporcionaram comparações de relevância. Como o objetivo deste estudo não é a formação de um catálogo, que possibilite a divulgação dos dados de forma sistemática, a descrição de toda a variedade constatada nos sítios e coleções museológicas que tivemos acesso foge ao nosso interesse neste momento. Alguns padrões que não foram classificados na tipologia, pelos motivos que acabamos de expor, serão comentados a seguir.

DISCUSSÃO

Observamos uma grande variedade de padrões decorativos, e a regularidade de alguns desses padrões em contextos rurais e urbanos, e, inclusive, em regiões relativamente distantes. Vemos esta regularidade como uma intencionalidade de reprodução de certos símbolos, entre os quais não procuraremos seus significados explícitos (para quem os produziu), mas o significado implícito no seu uso.

Os tipos apresentados demonstram uma regularidade que, apesar da baixa freqüência, ocorrem em sítios diferentes; em uma ampla dispersão geográfica. A classificação do pedúnculo, elaborado ou simples, foi em termos comparativos. De uma maneira geral, as peças com pedúnculo elaborado e com uma decoração mais rebuscada, provavelmente influenciada pela produção artística da região, estão associados a uma categoria genérica denominada " barroco " (v. Brancante, 1981), e representam uma produção tipicamente mineira. Entre os cachimbos mineiros que analisamos grande parte é proveniente da CRT, e alguns tipos foram criados por regularidades que foram relacionadas pelo menos a uma peça arqueológica.

Na CRT praticamente todas as peças que estão sendo consideradas com fins comparativos apresentam um orifício para pendurar; já no registro arqueológico, aparentemente apenas duas (uma referente ao tipo 7 e outra sem decoração). Este orifício, para o qual não reconhecemos outra função que não a de pendurar, deve ter suas bordas analisadas com mais cautela, observando se há algum tipo de desgaste. Não sendo constatado o desgaste, sugerimos que seja repensada a função do mesmo, ou ainda acerca da produção das peças, que será discutida a seguir.

Uma outra característica dos cachimbos barrocos se refere ao corpo das peças como espaço para representação de motivos específicos (Fig.19). Entre a variedade desses motivos, identificamos um que apresenta quatro folhas largas, lembrando a própria folha do tabaco (Fig.20), que, embora tenhamos identificado três peças, são todas provenientes das coleções museológicas referidas, e, desta maneira, não o consideramos como um novo tipo; algo a ser verificado posteriormente. Um outro motivo que foi identificado repetidamente são os círculos concêntricos que caracterizam o tipo 8. Estamos considerando estes motivos como signos a serem comparados às marcas de escravos.

A regularidade de alguns padrões vêm nos fazendo pensar na possibilidade de regionalismos, principalmente quando comparamos amostras provenientes de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Hegmon chama a atenção para grupos " (...) produtores que têm 'micro-estilos'(...) " (1992: 527), configurando uma tradição estilística periférica. Não estamos dizendo que

identificamos 'micro-estilos', menos ainda 'tradições estilísticas', mas apenas chamando a atenção para a possibilidade de relação entre as amostras de Minas e do Rio.

Comparando o padrão de maior representatividade no Rio (tipo 1), encontrado em contextos rurais e semi-rurais, com um outro (tipo 7), identificado em Minas - onde são encontrados cachimbos com características que Brancante (1981) classificou como barrocas, temos indícios de um possível regionalismo de um padrão decorativo. Se observarmos as peças que têm um perolado, ou rebuscamento barroco menos acentuado, dentre aquelas do tipo 7, percebemos a concentração das semi-esferas menores quase formando uma linha, numa tendência de estilização. As linhas onduladas que são recorrentes no corpo do cachimbo - espaço nas peças que, como vimos, parece apresentar motivos específicos (ou signos), parecem um indicador desta relação, somando ainda à concepção geral dos dois padrões, que não encontram termos comparativos com nenhum outro.

Ora, se pensarmos que no século XVIII haviam sido abertas rotas para o escoamento do ouro - no sentido de ligar o interior (Minas) ao litoral (Rio de Janeiro) - e que estas rotas cruzavam a região do Vale do Paraíba, que foi, no século seguinte, o principal foco de interesse econômico (consequentemente de concentração de escravos), percebemos que, quando no século XIX se fixaram as grandes fazendas de café, o fluxo de influências - dos mais variados tipos - e comércio para o interior, uma vez propiciado durante ciclo do ouro, não poderia mais ser bloqueado. Embora tenham perdido a importância econômica no nível internacional, tais rotas mantiveram conectadas as relações então estabelecidas, entre elas a dinâmica do próprio contingente escravo.[28]

As peças provenientes das amostras mineiras são provavelmente do século XVIII, porém, como não sabemos ao certo se houve uma contemporaneidade desses padrões do Rio de Janeiro e Minas Gerais durante o século XIX, resta-nos apenas esperar por novas pesquisas.

As peças do tipo 1 identificadas no sítio SSF, em São Paulo, tiveram como característica marcante a variedade dos motivos presentes no corpo das peças, o que nos levou a criação de subtipos. Vemos estes motivos como signos bastante particulares, que, assim como as escarificações, podem representar identidades específicas. Estas representações nos lembram estudos como os de Maria Inês Côrtes de Oliveira (op. cit.) que identificam dentro de identidades ampliadas (ou recriadas), evidências de antigas identidades tribais, que são de alguma forma mantidas. Os cachimbos, particularmente no caso deste tipo 1, apresentam um padrão de ampla reprodução, que por vezes tem signos variantes que merecem uma maior atenção.

Observando a decoração do fornilho no tipo 3, percebemos que este apresenta um motivo de linhas e semi-esferas disposto de forma semelhante ao tipo 1, no entanto, em baixo relevo. Por outro

[28] v. Stein (1990) e Sousa (1995) sobre a dinâmica e implantação destes caminhos.

lado, a presença do apoio e de linhas paralelas no porta-boquilha são características marcantes do tipo 2. Assim, aparentemente, o tipo 3 apresenta-se como um tipo híbrido, com elementos do tipo 2, e um motivo decorativo semelhante ao tipo 1. Vale notar que os três tipos coexistem em alguns contextos arqueológicos, demonstrando um convívio. Neste sentido, podemos questionar se o tipo 3 não seria melhor classificado como um subtipo do tipo 2, por exemplo. Contudo, a freqüência que apresentamos para os três padrões é claramente insuficiente para o aprofundamento desta comparação. Fica apenas constatada uma possibilidade a ser verificada com novos estudos.

As linhas paralelas presentes no porta-boquilha dos tipos 2 e 3 chamam particular atenção para o seu acabamento, que demonstra uma preocupação em ligar as linhas, ao se encontrarem nas partes superior e inferior do porta-boquilha, junto à marca do molde. A peça quando vista por baixo apresenta um desenho de espinha de peixe - semelhante a uma marca registrada em listagens de escravos. Como foi dito, não temos o intuito de fazer associações diretas de motivos decorativos com as escarificações, mas chamar a atenção para este tipo de comparação, e a possibilidade de soma de diferentes fontes científicas.

A Fazenda da Mandioca, situada num dos antigos caminhos que ligavam o Rio à Minas, apresentou peças que indicam uma outra relação com os cachimbos tipicamente barrocos. O tipo 6, caracterizado apenas por uma peça, apresenta a decoração rebuscada, pedúnculo elaborado e o orifício para pendurar; elementos que parecem caracterizar a amostra mineira de uma maneira geral. E ainda, o tipo 5, apesar de uma decoração relativamente mais simples, é bastante proeminente, com o pedúnculo elaborado e o orifício também presente. É de se notar que peças com decorações semelhantes estão presentes na amostra da CRT. A semelhança das duas nos fez criar este tipo 5. Vale lembrar que peças com as características que encontramos nestes 3 cachimbos no contexto da FM não foram encontradas em outros sítios no Rio, e, é neste sentido que chamamos atenção para estudos comparativos entre sítios que tenham os seus contextos bem esclarecidos.

Os motivos antropomorfos destas duas regiões são, por outro lado, completamente distintos. Enquanto no Rio encontramos representações de uma cabeça no fornilho, com rostos de feições estilizadas, que podemos comparar com cachimbos africanos identificados por Vianna [29] na coleção do Museu Nacional, em Minas, são representadas figuras de corpo inteiro, uma feminina e outra masculina, também estilizadas. Ao que parece, esses motivos antropomórficos mineiros estão relacionados especialmente à região de Diamantina (Carlos M. Guimarães, comunicação pessoal, 1997).

---

[29] v. " Cachimbos africanos, indígenas e brasileiros das Coleções Etnográficas do Muse Nacional: uma contribuição à análise da categoria material neobrasileiro em arqueologia ", comunicação apresentada ao IX Congresso da SAB, Rio de Janeiro, no prelo.

Sobre motivos antropomórficos e geométricos, Meyer menciona que em Camarões " a ornamentação (...) era regida por um código cuidadosamente respeitado: o homem comum não tinha direitos além dos motivos geométricos. As figuras antropomórficas eram reservadas aos chefes de alta patente e outros membros da família real, e os dignatários de confrarias podiam vangloriar-se de imagens zoomorfas, sobretudo daquelas com ligação com o seu animal totêmico" (1994: 165). Não identificamos manifestações de status social, pelo menos entre os cachimbos arqueológicos que são de uso cotidiano, e seu contexto não demonstra especificidades deposicionais neste sentido. Algumas peças de coleções têm um tamanho maior, com decorações mais elaboradas, e um melhor acabamento em relação àquelas normalmente encontradas nos sítios. Não descartamos a possibilidade dos cachimbos terem sido usados como elementos de representação de status social entre os escravos, o que não excluí uma relação étnica, mas até o momento não encontramos um contexto que demostre isto com um mínimo de segurança.

Um outro aspecto que não devemos deixar de considerar é o da produção dos cachimbos. Sobre esta levantamos duas possibilidades. A primeira delas diz respeito a uma confecção local ou individual. O uso de moldes vem aparecendo com maior freqüência nas amostras, principalmente entre os cachimbos com decoração mais elaborada. Segundo Arnold (1994: 181), esta técnica facilita o fabrico, ampliando assim a possibilidade da sua produção ser feita sem a necessidade de indivíduos 'especializados'. De uma maneira geral, o acabamento das peças não é de extrema precisão, algumas apresentando um aspecto bastante rústico.

Por outro lado, devemos relevar que a confecção em moldes facilita a reprodução. Assim, consideramos também a possibilidade da produção de cachimbos estar inserida numa economia informal. A participação dos escravos num comércio interno vem sendo identificada principalmente por estudos de comunidades quilombolas. Esta atuação parece ter se estendido também ao comércio transatlântico, como foi verificado por Maria Inês Cortês de Oliveira, na Bahia (comunicação pessoal, 1997), principalmente com relação a objetos rituais. No entanto, a presença dos cachimbos nestes contextos ainda não foi verificada. Brancante (1981: 433) chama a atenção para " centros de produção " de cachimbos cerâmicos no Brasil, entre eles um em Minas Gerais e outro em São Sebastião, no litoral norte de São Paulo. Carlos M. Guimarães (comunicação pessoal, 1997) nos fez referência a uma cidade, próxima a Diamantina (MG), que se denomina Cachimbo, exatamente por um possível foco de produção. Resta saber se tais 'centros de produção', como assim definiu Brancante, tinham escravos como artesãos, qual a sua possibilidade de produção material de símbolos étnicos nestes contextos, e ainda, a dimensão comercial que podem ter alcançado. Para desenvolver este ponto sugerimos que sejam inferidas as relações entre o artesão e aqueles que

fazem uso dos cachimbos (v. Schiffer & Skibo, 1997), observando como a dinâmica de símbolos se dá nesta circunstância.

A possibilidade destes centros de produção estarem relacionados aos escravos, ao nosso ver, não descarta a confecção doméstica de cachimbos, embora não tenham sido encontrados, até o momento, os moldes correspondentes às peças confeccionadas a partir desta técnica (desconhecemos inclusive a natureza da matéria prima). Este comércio interno, que proporciona uma circulação muito particular de bens produzidos e adquiridos pelos escravos, poderia acarretar problemas com relação ao uso de símbolos étnicos, como alerta Hegmon (1992: 527), de uma limitação a subgrupos (como o dos produtores) do entendimento de significados então conferidos a padrões estilísticos. No entanto, devemos nos ater principalmente às escolhas que envolvem a aquisição e uso da cultura material.

A presença de alguns elementos decorativos, como as figuras antropomorfas, não parece ter sido aleatória. Mesmo a decoração geométrica vem nos permitindo fazer inferências sobre marcadores étnicos. A seqüência de pontos é um exemplo, embora possa ser um indício não muito ideal pela simplicidade do motivo (consequentemente pela possibilidade de um padrão muito generalizado). Contudo, se somado a outros exemplos, como é o caso de uma escarificação encontrada em listagens de escravos que são semelhantes a uma decoração identificada na cerâmica neobrasileira proveniente do sítio FM, não nos deixa dúvidas que a direção de pesquisa que propomos para os cachimbos pode também ser estendida à cerâmica utilitária (e ritual) com influências africanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, Dean E. Patterns of learning, residence and descent among potters in Ticul, Yucatan, México. In: S.J.Shennan ed. *Archaeological approaches to cultural identity* . N.Y. and London: Routledge, 1994 (1989).

BARRET, Stanley R. *Anthropology: a student's guide to theory and method.* Toronto: University of Toronto Press Incorporated, 1996.

BARTH, Fredrik. Introduction. In: *Ethnic Groups and Boundaries*. Oslo: Universitets Forlaget, 1970 (1969).

BELLUZZO, Ana Maria de M. *A construção da paisagem*. Coleção: O Brasil dos viajantes, vol.3. São Paulo: Odebrecht, 1994.

BRANCANTE, E.F. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo, ano MCMLXXXI. São Paulo, Cia. Lithográfica Ypiranga, 1981.

CAMERON, V.L. *Across Africa*. Vol.1. London: Daldy, Isbister &Co., 1877.

CAPELLO, H. e IVENS, R. *De Angola à contra-costa: descrição de uma viagem através do continente africano*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886.

DIAS, Ondemar F. A cerâmica Neo-Brasileira. *Arqueo-IAB*. Textos avulsos, no.1. Rio de Janeiro: IAB, 1988.

ELMIR, Cláudio Pereira. O escravo urbano na visão de um viajante. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, XVI (1,2):95-103, jul. e dez., 1990.

FLORENTINO, Manolo G. *Em Costas Negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

GRAHAM, Sandra L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (1988).

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

_____. Uma tradição rebelde: notas sobre os quilombos na capitania do Rio de Janeiro (1625-1818). *Afro-Ásia.* Publicação do Centro de Estudos Afro-Orientais - UFBA, no.17, 1996.

GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1991.

GUIMARÃES, Carlos Magno et ali. O Quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, XVI (1, 2): 161-174, 1990.

HEGMON, Michelle. Archaeological research on style. *Annu. Rev. Anthropol.* 21: 517-36, 1992.

HODDER, Ian. Economic and social stress and material culture patterning. *American Antiquity.* vol.44, (3), 1979.

HOWSON, Jean E. Social relations and material culture: a critique of the archaeology of plantation slavery. *Historical Archaeology*, vol 24.

JACOBUS, André Luiz. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. *Revista do CEPA*, UNISINOS, 1996.

LEMOS, Maria de Lourdes et alii. Uma contribuição ao manejo do Parque Nacional da Tijuca (PNT) a partir da arqueologia histórica - o sítio da Vila Rica. *Anais do IV Simpósio Internacional sobre Ecossistemas Florestais*. Belo Horizonte, 1996.

LIMA, Tania A. et ali. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*. São Paulo: USP, Nova Série, no. 1, 1993.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. O Forte das Cinco Pontas - um trabalho de arqueologia histórica aplicado à restauração do monumento. *Coleção Monumentos do Recife*. Vol. 1, 1983.

MEYER, Laure. *Objets Africains: vie quotidienne, rites, arts de cour*. Paris: Éditions Pierre Terrail, 1994.

MINETTI, Alfredo I.A. Analisando o núcleo urbano do Rio de Janeiro na mudança de ordens: uma arqueologia da paisagem. *Anais do IX congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira.* Rio de Janeiro, no prelo.

PRAETZELLIS, Adrian, PRAETZELLIS, Mary, BROWN III, Marley. Artifacts as symbols of identity: an example from Sacramento's gold rush era chinese community. *Historical Archaeology.* Special publication, no. 5.

OLIVEIRA Filho, João Pacheco de. Os atalhos da Magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena. *Boletim Mus. Par. Emílio Goeldi. Série Antropologia*, 3: (2), 1987.

OLIVER, Roland. *A experiência africana: da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 (1991).

ORSER, Charles E. *A Historical Archaeology of the Modern World.* NY and London: Plenum Press, 1996.

PARENTE, José I. & MONTE-MÓR, Patrícia (org.). *Rio de Janeiro: retratos da cidade*. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.

RAPOSO, Luciano. *Marcas de escravos: listas de escravos emancipados vindos a bordo de navios negreiros. 1839-1841*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1989.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIO, João do. *A alma encantada das ruas.* Coleção Biblioteca Carioca. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, DGDIC, 1995.

RODRIGUES, Nina R. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

RUGENDAS, J.M. *Viagem pitoresca através do Brasil.* Coleção Reconquista do Brasil (3a. série), vol.8. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

SCHIFFER, Michael B. and SKIBO, James M. The explanation of artifact variability. *American Antiqtity*. Vol. 62 (1), 1997.

SHENNAN, Stephen J. "Introduction: archaeological approaches to cultural identity". pp. 14-22. In: *Archaeological Approaches to Cultural Identity.* Shennan, S.J. (ed.). London and New York, Routledge, 1a. ed. 1994 (1989).

SOUSA, Ana C. de. Caminhos enquanto artefatos: relações sociais e econômicas no contexto do Caminho Novo e suas variantes, séculos XVIII e XIX. *Historical Archaeology in Latin America*. no. 6, 1995.

STANLEY, E.M. *En el África Tenebrosa*. Traducida del inglés por José Coroleu. Barcelona: Espasa y Compañia ed., s.d.

STEIN, Stanley J. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1990 (1985).

STINE, Linda F. et, ali. Blue beads as african-american cultural symbols. *Historical Archaeology,*30 (3): 49-75, 1996.

SYMANSKI, Cláudio. *Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX: o Solar Lopo Gonçalves.* Dissertação de mestrado, PUC-RS, Porto Alegre,1997.

SYMANSKI, Cláudio e OSÓRIO, Sérgio R. *Artefatos reciclados: o caso de dois sítios históricos de Porto Alegre*. Mimeo., 1997.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *A cultura material do Guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica.* UFSC, dissertação de mestrado, SC, 1991.

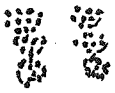
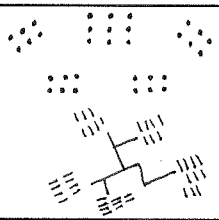
VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987.

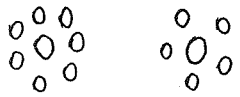
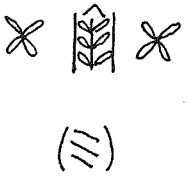
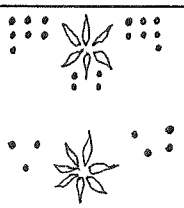
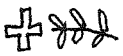
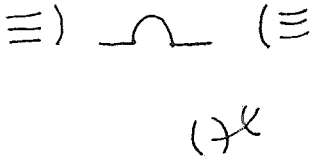
WASHBURN, Dorothy K. The property of symmetry and the concept of ethnic style. In: *Archaeological approaches to cultural identity*. S.J.Shennan ed. N.Y. and London: Routledge, 1994 (1989).

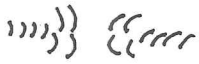
WIESSNER, Polly. Style and changing relations between the individual and society. *The meaning of things: material culture and symbolic expression.* Ian Hodder (Ed.). London: Unwin Hyman Ltd., 1989.

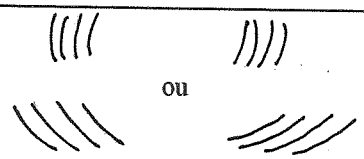
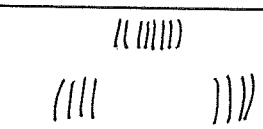
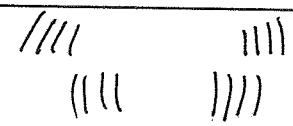
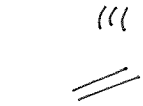
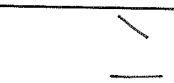
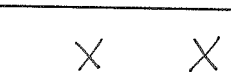
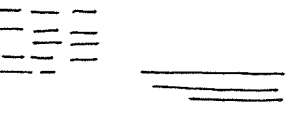
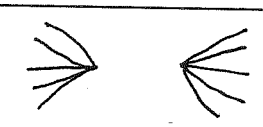
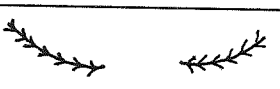
ANEXO

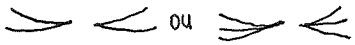
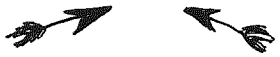
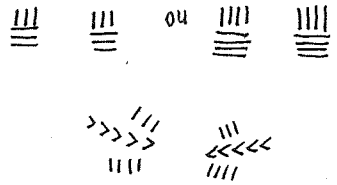
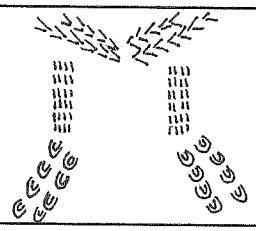
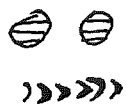
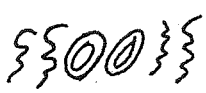
Marcas de escravos

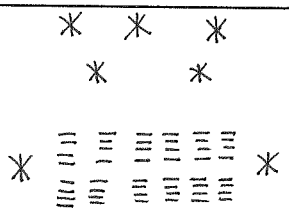
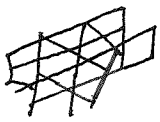
Fonte - Ano	Nação	Marca	Local
Patacho Especulador 1939	Ganguella		ombro esquerdo
Brigue Ganges 1839	Dandepane		nas faces
Brigue Ganges 1839	Ozamba		testa e ventre
Brigue Ganges 1839	Imano		testa
Brigue Ganges 1839	Oarancungo		nos peitos
Brigue Ganges 1839	Magange		nos peitos
Brigue Ganges 1839	Machau		nos peitos na testa
Brigue Ganges 1839	Moçambique		peito esquerdo
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Monjolo		peito
Prado, J.F. (1968)	Tucuanis - rio Zambese		testa lateral rosto peito
Brigue Asseiceira 1841	Luillimano		esp. esq.
Fotografia de Christiano Jr. - n.17 Seculo XIX.	Mina		rosto

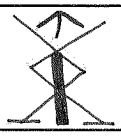
Fotografia de Christiano Jr. - n.27 Seculo XIX.	Congo		entre os olhos
Fotografia de Christiano Jr. - n.28 Seculo XIX.	———		rosto
Brigue Ganges 1839	Michepeta		nas fontes
Prado, J.F. (1968)	Congo		laterais testa
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Mozambique		testa lateral esq. do rosto rosto lado esq.
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Mozambique		testa lateral dir. do rosto
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Mozambique		testa rosto
Prado, J.F. (1968)	Sena e Mesena - reino Motapa		lateral testa
Prado, J.F. (1968)	Macua		testa ao lado do queixo
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Mozambique		testa -lado esq. lateral rosto nuca - abaixo da orelha

Brigue Ganges 1839	Dita		barriga
Brigue Ganges 1839	Mucenca		testa
Brigue Ganges 1839	Macua		testa barriga
Brigue Ganges 1839	Macua		testa
Brigue Ganges 1839	Macua		testa e fontes
Brigue Ganges 1839	Macua		testa e fontes
Brigue Ganges 1839	Macua		fontes
Fotografia de Christiano Jr. - n.33 Seculo XIX.	Oliman		testa lateral dir. rosto
Brigue Ganges 1839	Dita		testa barriga
Brigue Ganges 1839	Macua		testa
Patacho Paquete Benguela 1840	Benguella		nas fontes
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	——		rosto
Prado, J.F. (1968)	Mina		laterais -testa

Prado, J.F. (1968)	Aussá (Guebere)		lateral boca
Prado, J.F. (1968)	Fantis e Achantis - margem leste do rio Níger		testa rosto
Prado, J.F. (1968)	Monjolo		laterais testa rosto
Fotografia de Christiano Jr. - n.31 Seculo XIX.	Monjolo ou Tyo / Teke (Congo)		rosto lado dir. peito dir.
Fotografia de Christiano Jr. - n. 29 Seculo XIX.	Mina		rosto ombro
Fotografia de Christiano Jr. - n. 34 Seculo XIX.	——		lado esq. nariz queixo
Fotografia de Christiano Jr. - n.40 Seculo XIX.	——		rosto testa
Fotografia de Christiano Jr. - n. 44 Seculo XIX.	——		lado esq. rosto
Fotografia do acervo do MHN-RJ	Mina Nagô		rosto
Pintura associada a grupos quilombolas em Minas Gerais.	——		rosto
Brigue Asseiceira 1841	Luillimano		braço esquerdo
Brigue Asseiceira 1841	Luillimano		braço esquerdo
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Cabinda		lateral rosto testa
Prado, J.F. (1968)	Caxua, Labe e Quenu (Guebere)		lateral boca
Prado, J.F. (1968)	Dauara (Guebere)		lateral boca

Prado, J.F. (1968)	Taques ou Naufis - margem leste do rio Níger		lateral boca
Freyre, G. (1979: 35)	Beni	talhos à imitação de pés de galinha	fontes
Prado, J.F. (1968)	Ebo		testa
Prado, J.F. (1968)	Nagô ou Quorna - margem oeste do rio Níger		lateral boca: homem lateral boca: mulher
Prado, J.F. (1968)	Sundis ou Maiombas e Bualis - norte de Loango		dorso peito braços
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Mina		testa rosto peito barriga
Brigue Asseiceira 1841	Moçambique		peito esquerdo
Brigue Ganges 1839	Macua		testa nas faces
Brigue Ganges 1839	Dita		testa e nas fontes e ventre
Brigue Ganges 1839	Manange		nas fontes na testa
Brigue Ganges 1839	Macua		barriga
Brigue Ganges 1839	Dita		testa

Brigue Ganges 1839	Macua		peitos e cara
Brigue Ganges 1839	Dita	 "outras"	ventre peito
Brigue Asseiceira 1841	Luillimano		peito esquerdo coxa direita
Brigue Ganges 1839	Timba		testa
Prado, J.F. (1968)	Cafres (Mudjanas)		testa rosto peito
Brigue Leal 1839	Lunde	12 estrelas	sobre o ombro esquerdo
Brigue Leal 1839	Maiombe	várias estrelas	sobre o peito esquerdo
Brigue Leal 1839	Maiombe	estrelas	todo o peito
Brigue Leal 1839	Lunde	estrelas	peito esquerdo
Brigue Leal 1839	Mocunhe	16 pontos	testa
Prado, J.F. (1968)	Niambanas		testa descendo sobre o nariz
Fotografia de Christiano Jr. - n. 44 Seculo XIX.	———		testa descendo pelo nariz
Fotografias do acervo do MHN-RJ	Lnhânbano		testa descendo pelo nariz
Rugendas 1ª ½ séc.XIX	Mozambique		testa descendo sobre o nariz
Meyer, L. (1994)	Sango (etnia)		testa
Brigue Ganges 1839	Inhambavo		peito e barriga

Brigue Ganges 1839	Magange		peito e ventre
Brigue Ganges 1839	Magange		barriga
Brigue Ganges 1839	Macua		no ventre
Brigue Ganges 1839	Dita		dito dito
Brigue Ganges 1839	Dita		———
Prado, J.F. (1968)	Calabres - foz do Quora		peito e ventre
Brigue Ganges 1839	Macua	4 sinais de fogo	sobre a espadua direita

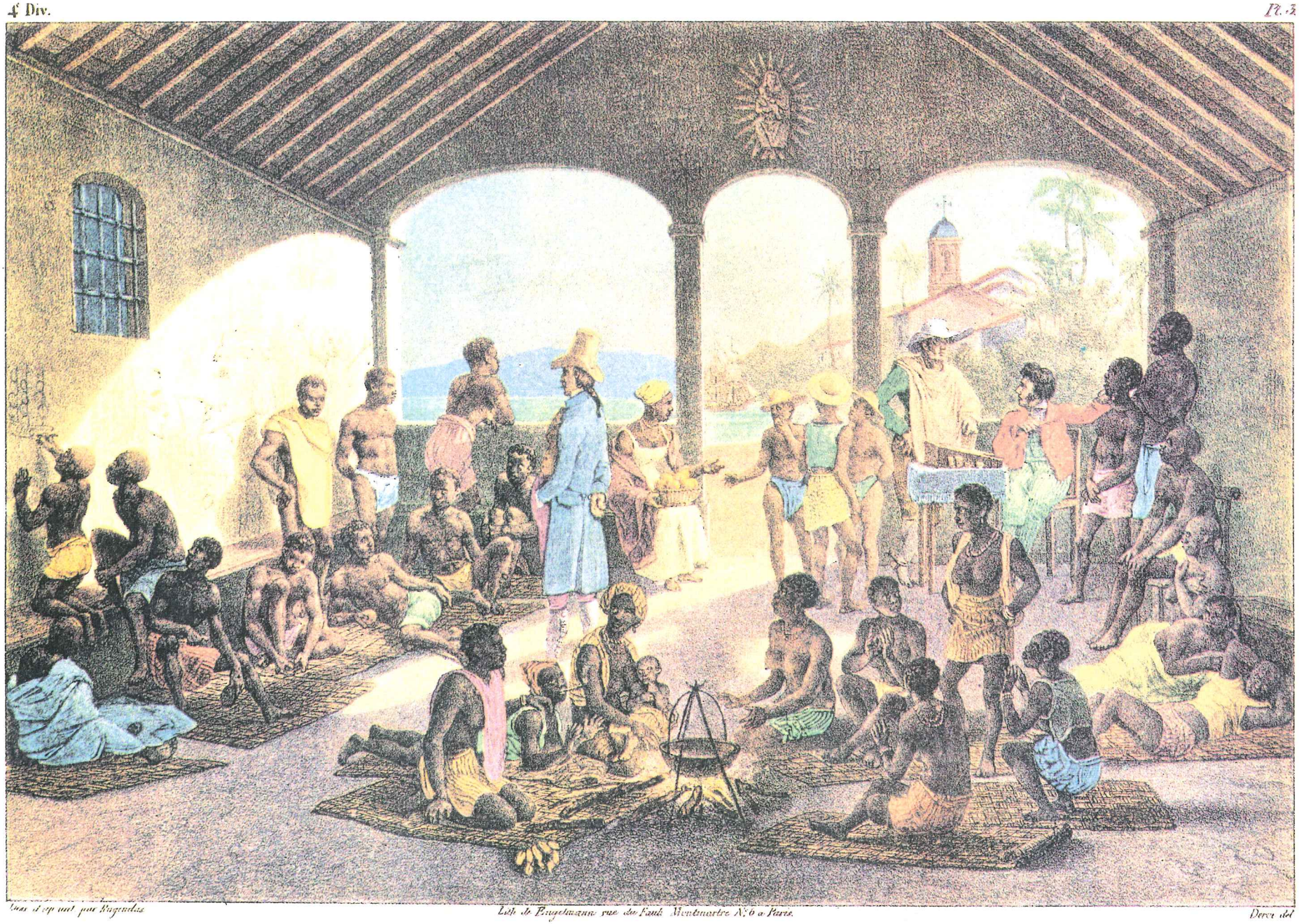


Figura 1 - Mercado de Negros (Rugendas, 1989).



Figura 2 - Jogo de Capoeira (Rugendas, 1989).



15

Figura 3 - Congada (Arsênio da Silva, In: Parente et al., 1994).



Figura 4 - Vendedor de ervas (J.B.Debret).

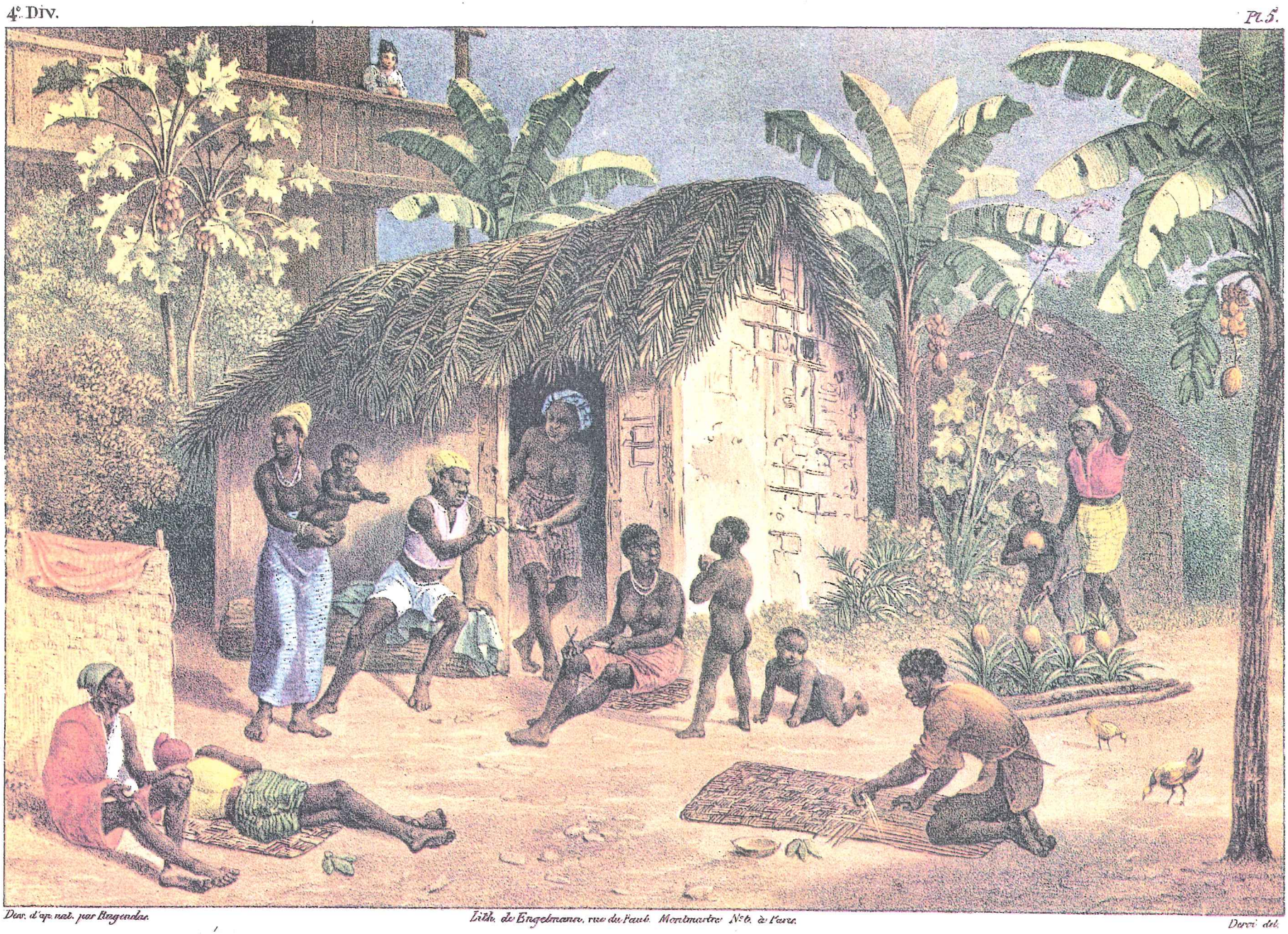


Figura 5 - Habitação de Negros (Rugendas, 1989).



Figura 6 - Lavadeiras no rio (Rugendas, 1989).

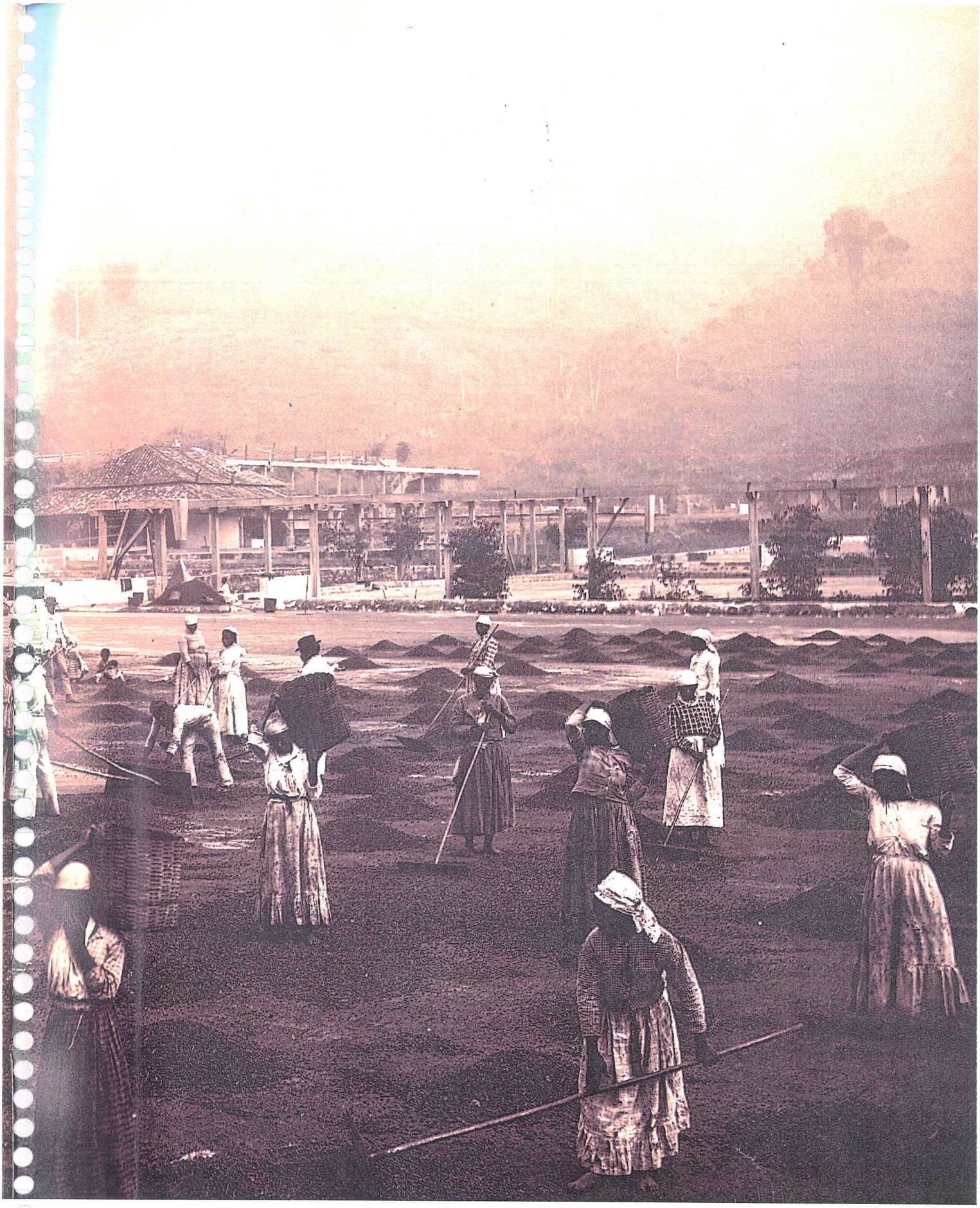


Figura 7 - Escravos no campo de secagem de café (Marc Ferrez, In: Parente et al., 1994).



VENTA A REZIFFE.

Figura 8 - Venda (Rugendas, 1989).

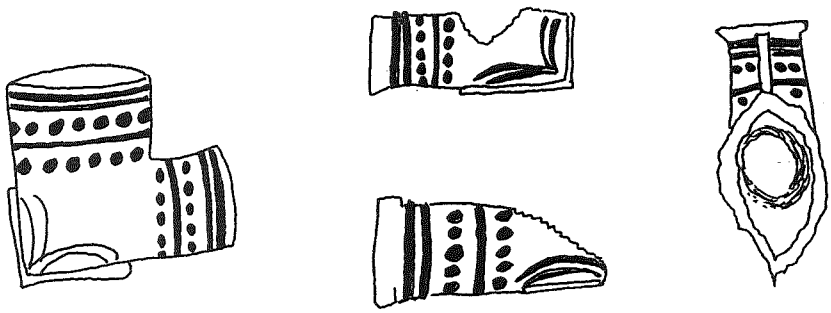


Figura 9 - Cachimbos do tipo 1

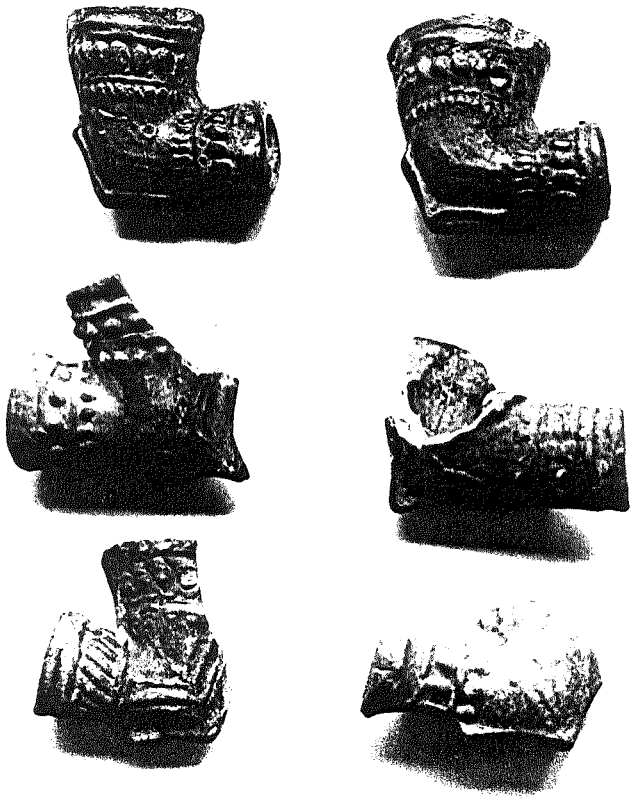


Figura 10 - Cachimbos do alto: subtipo 1b; do meio: subtipo 1a; abaixo e a esquesda: subtipo 1e; abaixo e a direita: subtipo 1d.

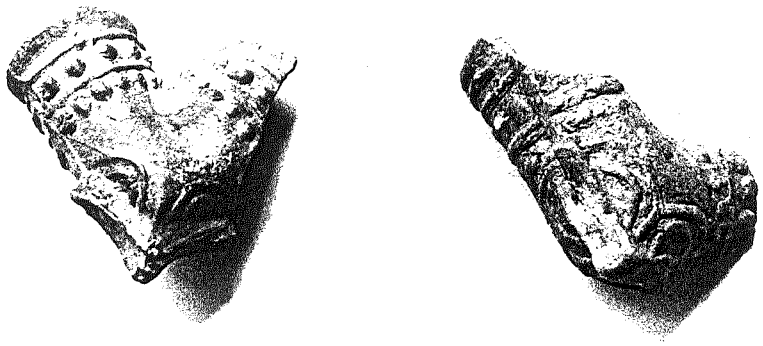


Figura 11 -- Cachimbos provenientes do sítio SSF do subtipo 1a

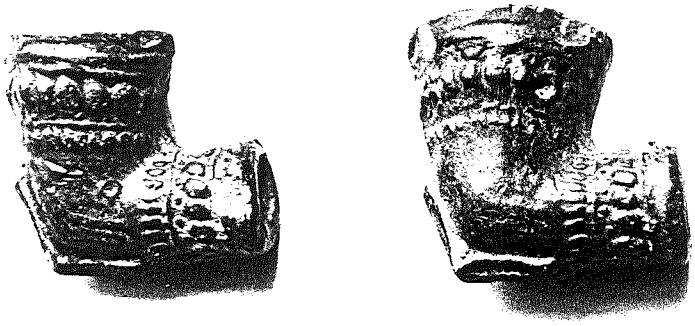


Figura 12 -- Cachimbos provenientes do sítio SSF do subtipo 1b.

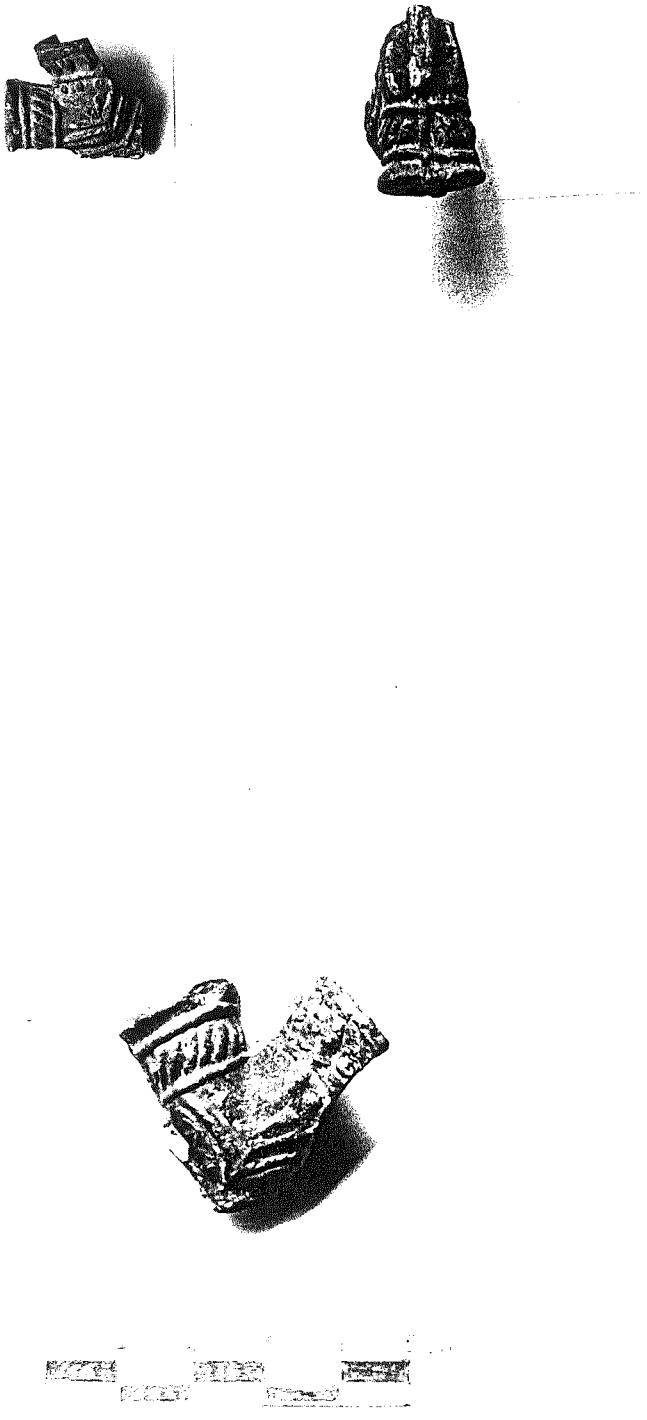


Figura 13 - Cachimbos provenientes dos sítios FM (acima) e SSF (abaixo) do subtipo 1e.

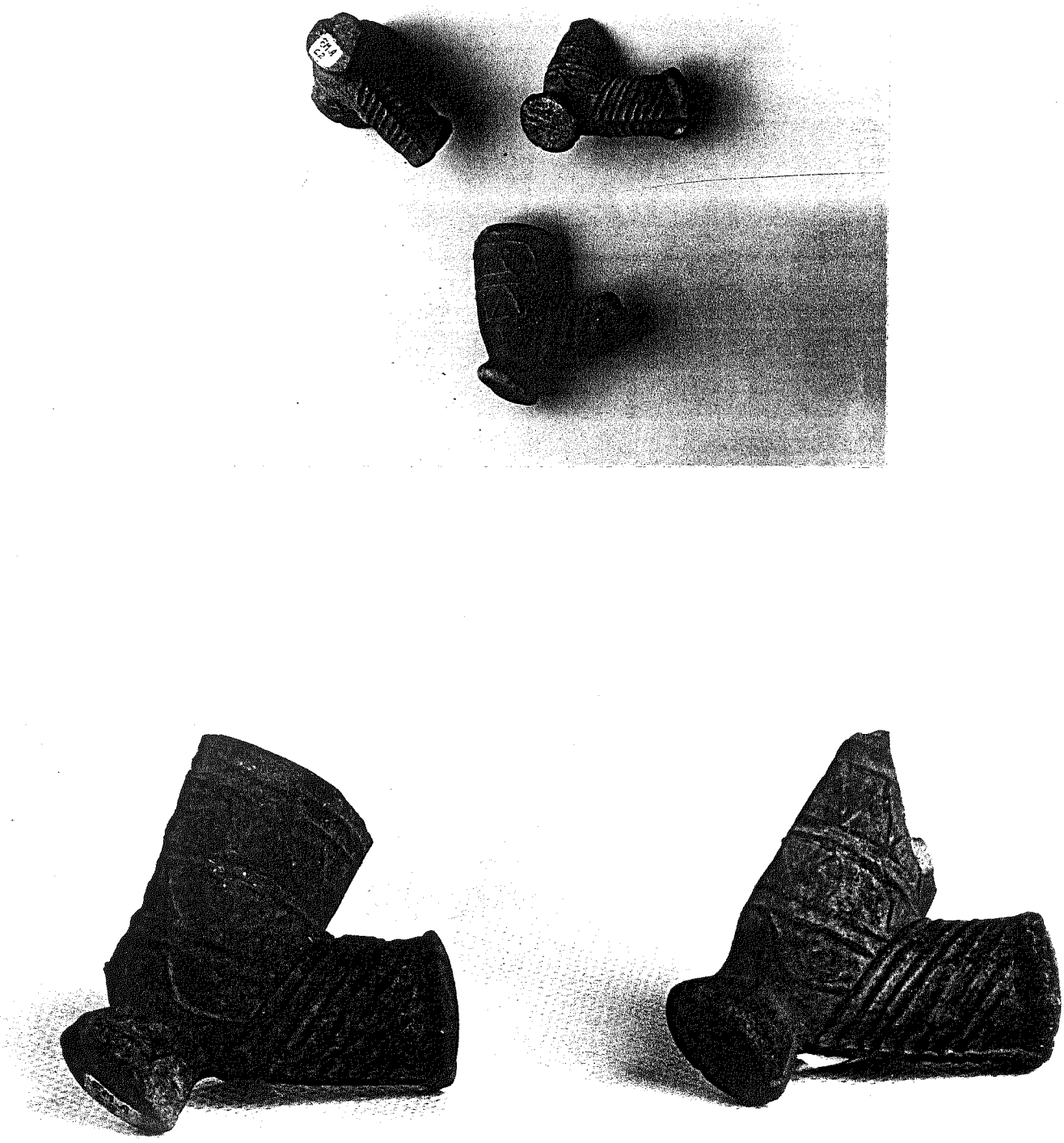


Figura 14 - Cachimbos do tipo 2.

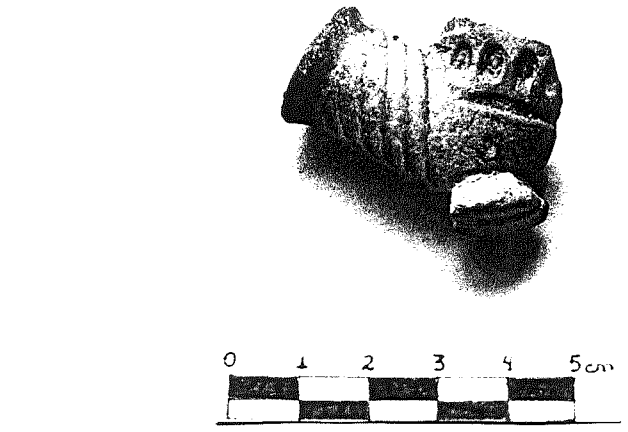


Figura 15 - Cachimbos do tipo 3.

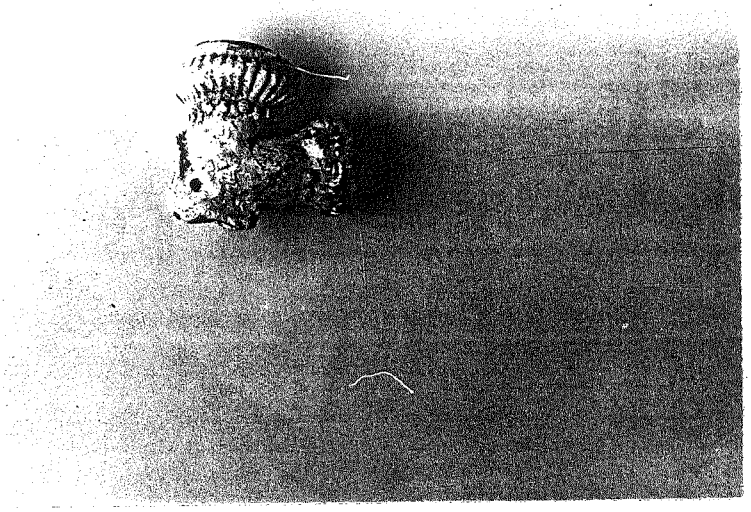


Figura 16 - Cachimbo do tipo 6.

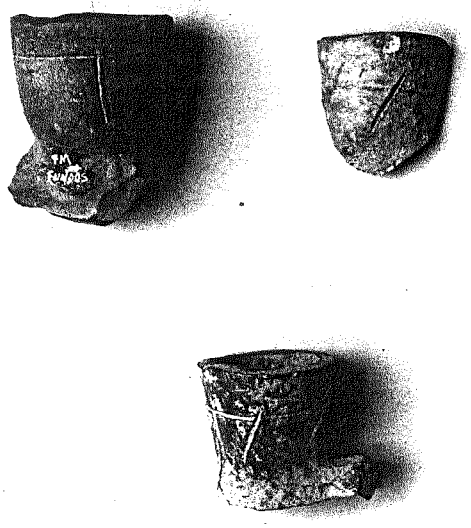
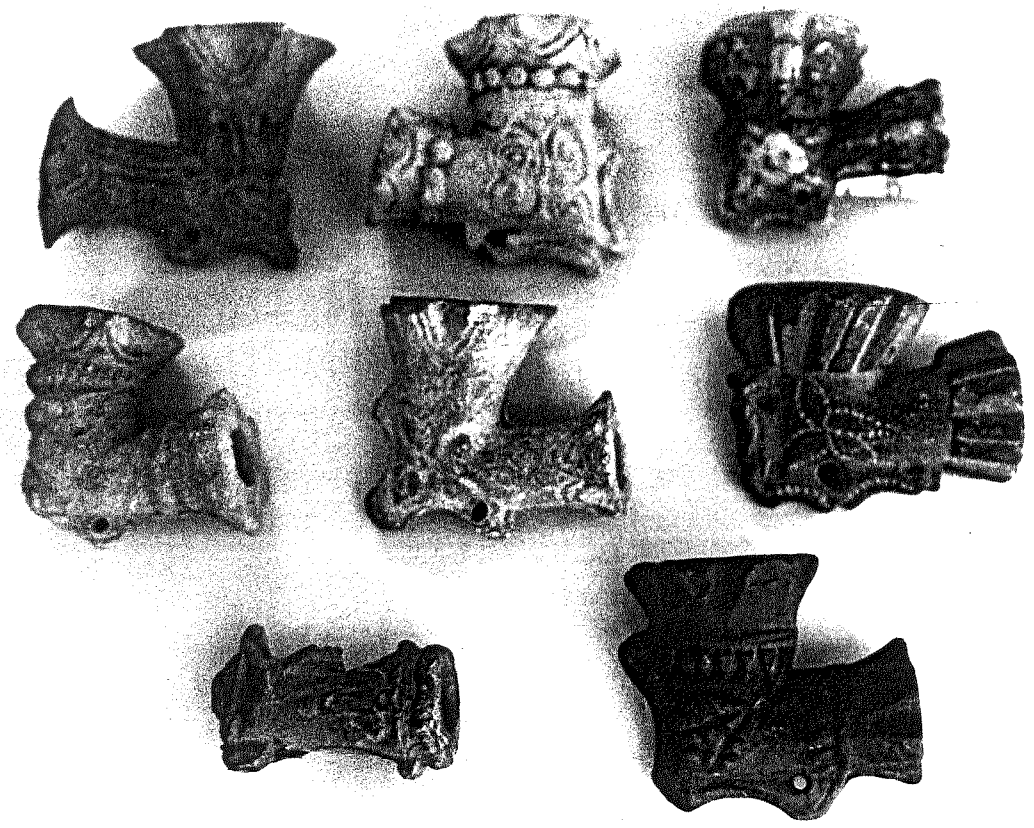
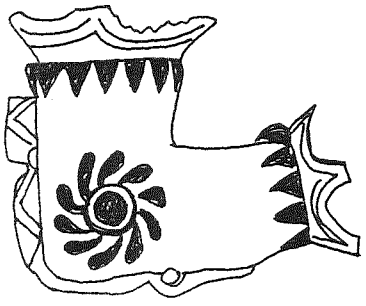


Figura 17 - Cachimbos do tipo 4.



Figura 18 - Cachimbos do tipo 5.





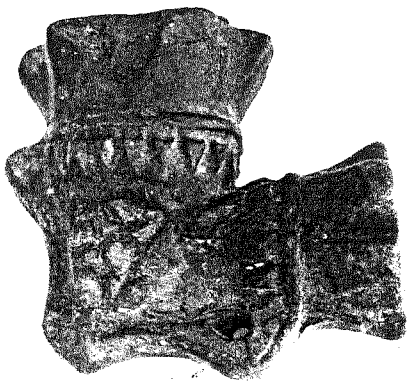


Figura 19 - Cachimbos tipicamente barrocos.

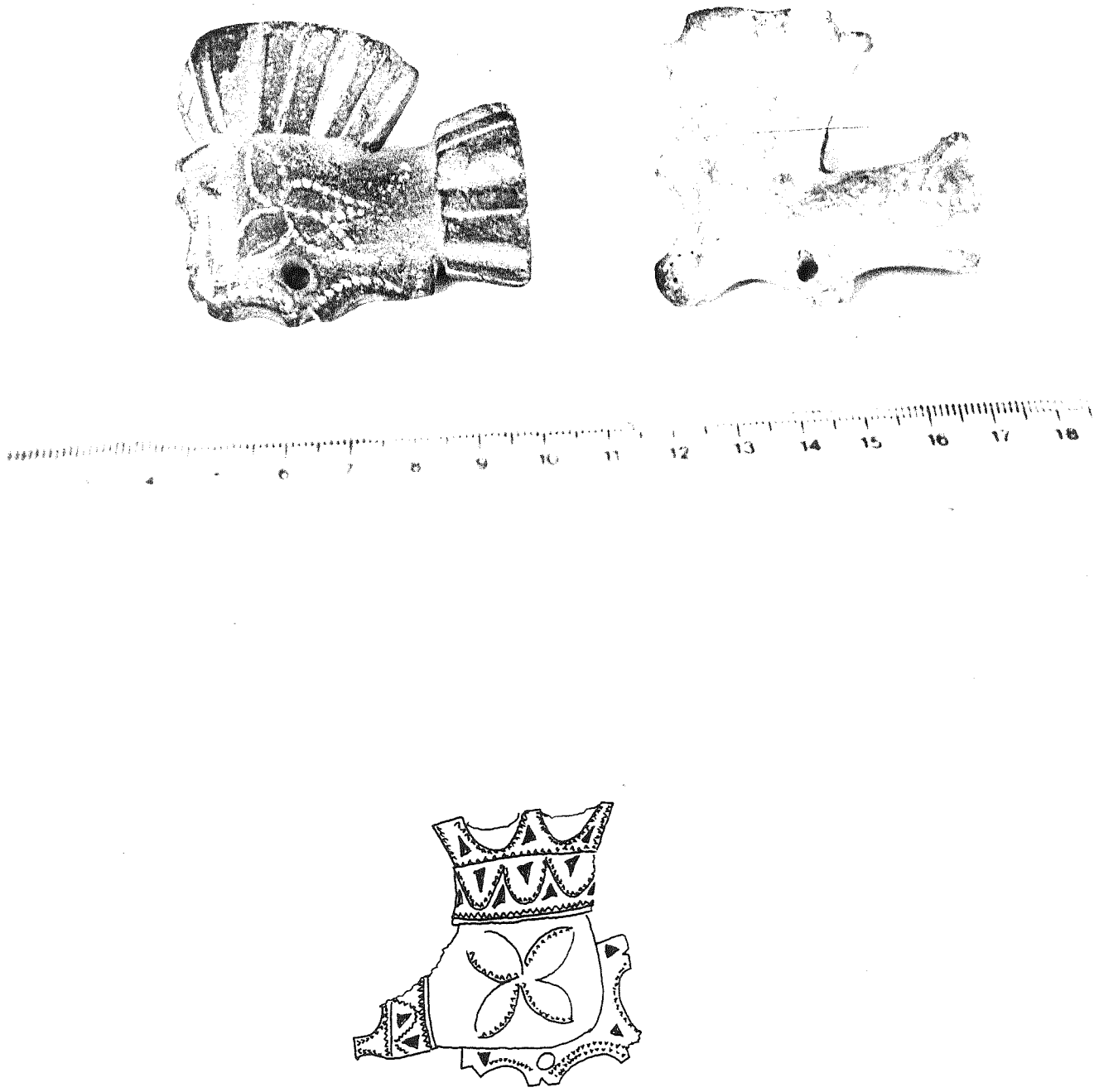


Figura 20 - Cachimbos barrocos com reprodução do motivo decorativo do corpo.

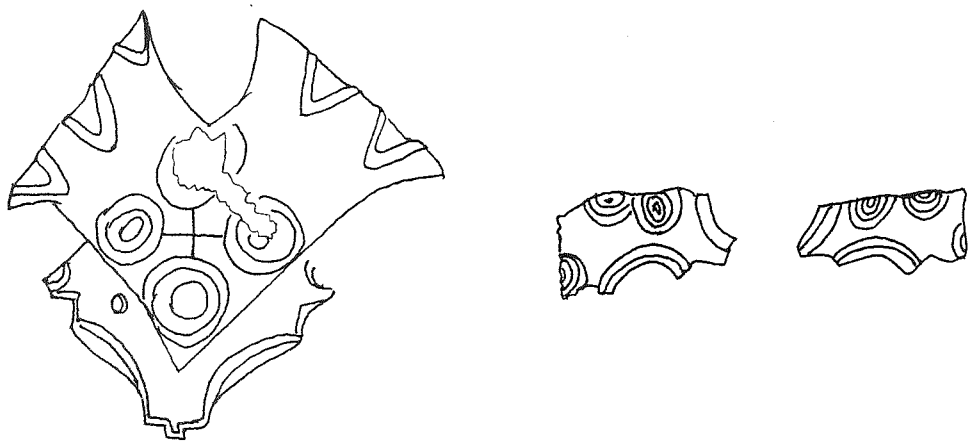


Figura 21 - Cachimbo do tipo 8 proveniente do MHN (à esquerda) e um fragmento do sítio MO (à direita).

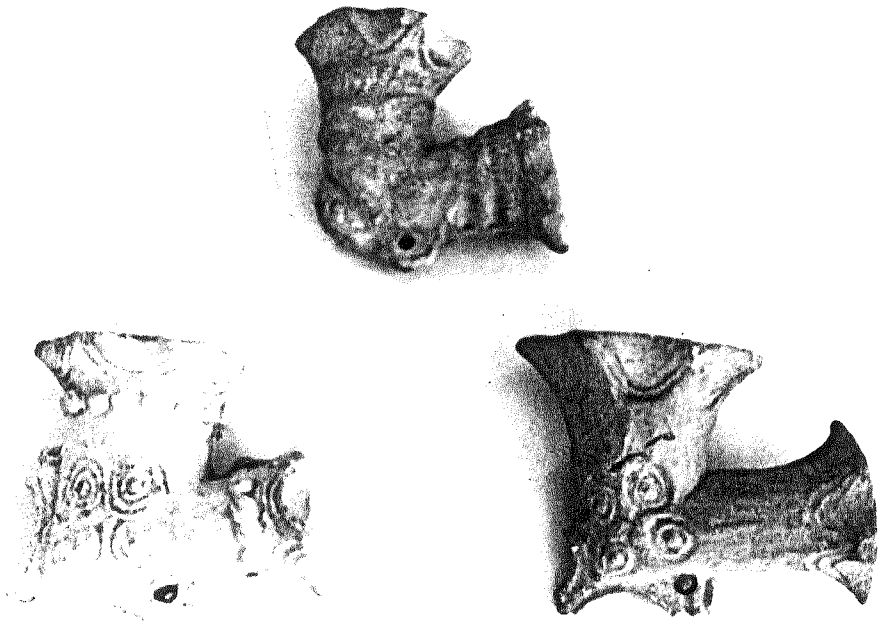


Figura 22 - Cachimbos do tipo 8 provenientes da CRT.

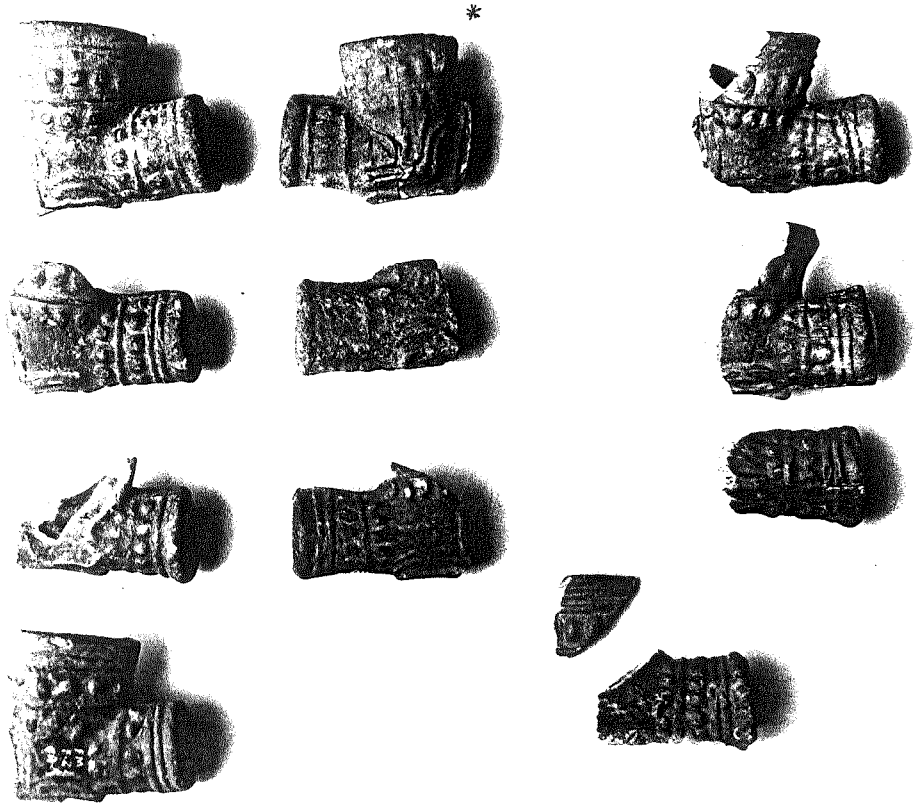


Figura 23 - Cachimbos do tipo 1 provenientes dos sítios FM e SGM.



Figura 24 - Cachimbos do tipo 7 provenientes da CRT.

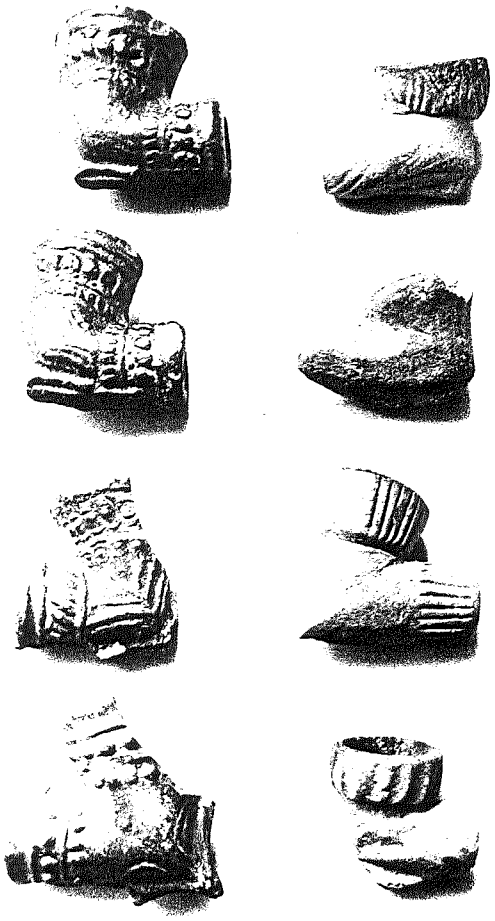


Figura 25 - Cachimbos do tipo 1 (à esquerda) e caboclos (à direita) da amostra do sítio SSF.

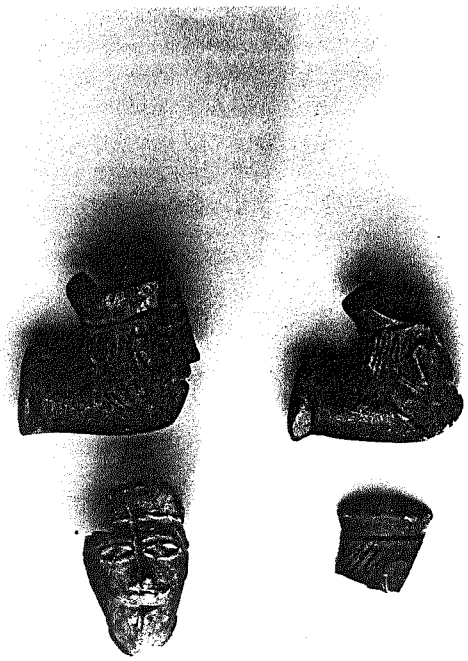


Figura 27 - Cachimbos antropomorfos provenientes dos sítios FM e SGM.

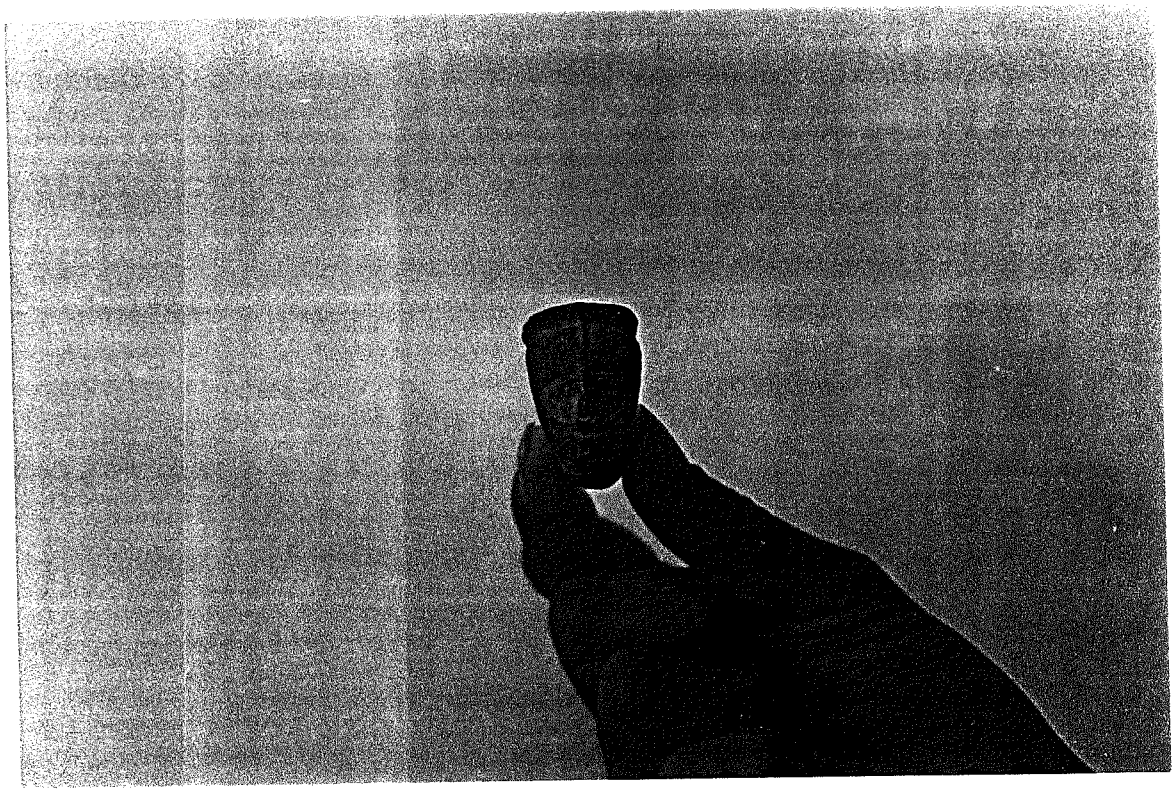


Figura 28 - Cachimbo antropomorfo proveniente do sítio IA.